FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA-FAP
CURSO DE PEDAGOGIA

AURIEL SOUSA CARNEIRO
EDILENE DOS SANTOS MONTELES OLIVEIRA
FRANCISCA DAS CHAGAS GARRETO LOURENÇO
LAÍS REGO VIANA

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE CHAPADINHA

Chapadinha
2015

AURIEL SOUSA CARNEIRO
EDILENE DOS SANTOS MONTELES OLIVEIRA
FRANCISCA DAS CHAGAS GARRETO LOURENÇO
LAÍS REGO VIANA

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE CHAPADINHA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Ms. Francisca Jacira Freire de Sousa

Chapadinha
2015

Carneiro, Auriel Sousa.

Um olhar reflexivo sobre as metodologias de ensino no âmbito da educação de jovens e adultos do município de Chapadinha/Auriel Sousa Carneiro; Edilene dos Santos Monteles Oliveira; Francisca das Chagas Garreto Lourenço; Laís Rego Viana. – Chapadinha, 2015.
57f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Faculdade do Baixo Parnaíba, 2015.

1. Educação de Jovens e Adultos 2. Ensino 3. Metodologia I. Oliveira, Edilene dos Santos Monteles II. Lourenço, Francisca das Chagas Garreto III. Viana, Laís Rego IV. Título.

CDU 374.7:37.02

AURIEL SOUSA CARNEIRO
EDILENE DOS SANTOS MONTELES OLIVEIRA
FRANCISCA DAS CHAGAS GARRETO LOURENÇO
LAÍS REGO VIANA

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE CHAPADINHA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Ms. Francisca Jacira Freire de Sousa

Aprovada em ____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Ms. Francisca Jacira Freire de Sousa (Orientadora)

_____
1º Examinador

_____
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por não nos deixar desistir diante das dificuldades encontradas ao longo do curso.

Às nossas famílias, que sempre estiveram ao nosso lado nos apoiando nesta jornada e sempre acreditaram no nosso potencial.

Aos nossos esposos, namorado e namorada, pela compreensão e apoio nas horas mais desgastantes.

Aos professores, em especial, à nossa orientadora Jacira Freire, pela disponibilidade e contribuição na realização deste trabalho.

À professora Neldan Araújo, pois foi através da disciplina lecionada por ela que houve o despertar para o estudo dessa temática.

Aos nossos colegas de sala, pelo convívio saudável durante toda essa temporada acadêmica.

A todos que, de alguma forma, colaboraram na nossa caminhada até aqui.

“Ninguém começa ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado pra ser educador. A gente se forma educador, a gente se forma, como educador permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho enfatiza um olhar reflexivo acerca das metodologias utilizadas pelos professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) das escolas Unidade Integrada João Gomes, Unidade Integrada Manoel José de Santana, Unidade Integrada Dr. Almada Lima Filho e Unidade Integrada Presidente José Sarney. Tem como objetivos específicos: conhecer as metodologias utilizadas pelos docentes e identificar os principais entraves para o sucesso da aprendizagem dos alunos da EJA. Nesse sentido, partiu-se da seguinte questão-problema: “Qual a influencia das metodologias no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no âmbito da Educação de Jovens e Adultos no município de Chapadinha?”. Para tal, realizou-se uma pesquisa que se classificou, quanto aos fins, como pesquisa descritiva, tendo como forma de abordagem do problema a pesquisa qualitativa. Quanto aos meios de investigação, classificou-se como pesquisa bibliográfica e de campo. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados entrevistas para 01 (uma) coordenadora, 01(um) ex-coordenador, 07 (sete) professores e 16 (dezesseis) alunos da EJA. Os autores que fundamentaram este trabalho são: Gadotti (2009), Gadotti e Romão (2011), Morin (2003), Libâneo (1990), Leite (2013), Ramonelle (2012), Romanowski (2007), entre outros, cujos pressupostos teóricos contribuíram para a compreensão da temática em questão. O trabalho está organizado em 06 (seis) capítulos, sendo que no primeiro faz-se uma introdução sobre esta pesquisa; no segundo, apresenta-se um breve histórico da EJA no Brasil; no terceiro capítulo, discorre-se sobre a importância da EJA para a socialização dos jovens e adultos; no quarto, abordam-se as dificuldades e desafios da Educação de Jovens e Adultos; no quinto capítulo, trata-se da questão central deste trabalho: as metodologias de ensino na realidade da Educação de Jovens e Adultos, e no sexto, e último capítulo, faz-se uma descrição do município em que as escolas-campo estão inseridas e de cada uma delas também. Muitas pesquisas foram feitas em torno dessa temática, mas ainda se pode ampliar este estudo, pois o campo é bem extenso.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino. Metodologia.

ABSTRACT

This work emphasizes a reflective look about the methodologies used by the teachers of the Youth and Adult Education (EJA) schools Unidade Integrada João Gomes, Unidade Integrada Manoel José de Santana, Unidade Integrada Dr. Almada Lima Filho and Unidade Integrada José Sarney. It has the following objectives: to know the methodologies used by teachers and identify the main barriers to successful learning of adult education students. In this sense, starting point was the question-problem: "What is the influence of methodologies in the development of teaching and learning within the Youth and Adult Education in the municipality of Chapadinha?". To this end, we carried out a survey which ranked as for the purposes as descriptive research, and as a way to approach the problem of qualitative research. As for the means of investigation, it was classified as bibliographical and field research. It was used as data collection instrument interviews to 01 (one) Coordinator, 01 (one) former coordinator of seven (07) teachers and sixteen (16) students of the EJA. The authors that supported this work are: Gadotti (2009), Gadotti and Romão (2011), Morin (2003), Libâneo (1990), Milk (2013), Ramonelle (2012), Romanowski (2007), among others, whose assumptions contributed to theoretical understanding of the subject in question. The paper is organized in 06 (six) chapters, of which the first is an introduction about this research; in the second, it presents a brief history of adult education in Brazil; in the third chapter, it talks about the importance of adult education for the socialization of young people and adults; in the room, discuss the difficulties and challenges of the Youth and Adult Education; in the fifth chapter, it is the central question of this work: teaching methodologies in the reality of Youth and Adult Education, and the sixth and last chapter, a description of the municipality where the field schools are inserted and makes of each well. Many researches have been made on this theme, but you can still expand this study because the field is quite extensive.

Keywords: Youth and Adult Education. Education. Methodology.

LISTA DE SIGLAS

ABC	Ação Básica Cristã
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CONFINTEA	Conferência Internacional de Educação de Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNEP	Fundo Nacional Do Ensino Primário
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Fundo Nacional de Ensino
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério de Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PAS	Programa de Alfabetização Solidária
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PEI	Programa de Educação Integrada
PNA	Plano Nacional de Alfabetização
PNAC	Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROFA	Programa de Formação de Professores Alfabetizadores
SEMED	Secretaria de Educação de Chapadinha
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**.....	09
2	**A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**.....	12
3	**A IMPORTÂNCIA DA EJA PARA A ASCENÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS**.....	19
4	**AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**.....	24
5	**A QUESTÃO METODOLÓGICA E O ENSINO NA EJA**.....	28
6	**CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA**.....	31
6.1	**Breve descrição das escolas-campo**.....	31
6.2	**Métodos de abordagem da pesquisa**.....	34
6.3	**Análise dos dados da pesquisa**.....	35
6.3.1	Análise da entrevista feita para a Coordenadora geral da EJA.....	36
6.3.2	Análise da entrevista feita para o Ex-Coordenador da EJA.....	40
6.3.3	Análise da entrevista feita para os professores.....	43
6.3.4	Análise da entrevista feita para os alunos.....	49
7	**CONCLUSÃO**.....	54
	REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

A educação, em qualquer nível, é um processo lento, que precisa ser modificado e estruturado sempre quando necessário. E uma das realidades que permeia essa área são os grandes índices de analfabetismo. Nesse contexto, surge a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que visa combater e/ou preencher essas lacunas deixadas pelo analfabetismo, pois é sabido que a educação, nos seus amplos aspectos, é indispensável para a sobrevivência social de todo ser humano.

A EJA, diante das mazelas da educação que, historicamente, tem deixado marcas no âmbito escolar, veio nortear o trabalho do docente. Veio atender as perspectivas de pessoas que anseiam por novas e melhores oportunidades de trabalho e de vida. Veio, ainda, buscar respostas positivas aos anseios de jovens que almejam ser reconhecidos como cidadãos alfabetizados e ter participação na sociedade. Também inclui nesse processo os adultos, que, com suas experiências ao longo da vida, contribuem para que todos construam novos conhecimentos.

Não obstante, percebe-se que no processo educacional brasileiro tem havido muita exclusão, e que vários fatores contribuem para isso, inclusive, as metodologias de ensino de alguns professores, por não serem condizentes com aquilo que os alunos buscam, causando prejuízo no seu processo ensino-aprendizagem e fazendo-os sentir-se desmotivados, o que tem desencadeado a evasão e o abandono escolar.

Durante a disciplina Fundamentos Teóricos Metodológicos da Educação de Jovens e Adultos, em atividade de campo, a professora Neldan Araújo, conduziu a turma de Pedagogia para uma visita às escolas da rede pública do município de Chapadinha – MA que oferecem a modalidade de ensino EJA. A partir de então, passou-se a averiguar quais as dificuldades que o educador encontra em ministrar aulas para jovens e adultos numa turma multisseriada[1] e multiculturalista[2], nascendo, daí, a necessidade de realizar essa pesquisa.

[1] No sistema educacional brasileiro, diz-se das classes cujos alunos estão em níveis distintos de aprendizagem, mas são instruídos pelo mesmo professor (In: <http://www.dicio.com.br/multisseriado>);
[2] Em que há, em simultâneo, várias culturas num mesmo território, pais etc; multiculturalidade (*Idem*).

Ao observar a realidade das turmas da EJA, constatou-se que há certa desmotivação por parte dos discentes, também acrescida da falta de recursos, de espaços físicos inadequados e de indisciplina na sala de aula.

O objetivo principal desta pesquisa foi, portanto, fazer uma análise da realidade da Educação de Jovens e Adultos nas escolas da rede municipal de Chapadinha, identificando os desafios que o docente enfrenta no cotidiano da sala de aula, a partir da seguinte questão-problema: “Qual a influencia das metodologias no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no âmbito da Educação de Jovens e Adultos no município de Chapadinha?”

Em vista da grande quantidade de turmas de EJA no município, delimitou-se o *locus* de pesquisa para 04 (quatro) escolas da zona urbana.

Para a fundamentação teórica, buscou-se estudar autores como: Gadotti (2009), Gadotti e Romão (2011), Morin (2003), Libâneo (1990), Leite (2013), Ramonelle (2012), Romanowski (2007), entre outros, além de artigos e monografias.

Referindo-se à estrutura do trabalho, este foi organizado em 06 (seis) capítulos. O primeiro capítulo é de caráter introdutório, contendo uma breve exposição do projeto de pesquisa que deu origem a esta monografia, com sua respectiva organização interna.

No segundo capítulo, faz-se uma retrospectiva sobre a história da EJA, relatando-se, desde a origem da educação no Brasil, o surgimento da Educação de Jovens e Adultos e a atualidade desta modalidade no município de Chapadinha – MA.

O terceiro capítulo trata da importância da EJA para a ascensão social dos alunos, mostrando a realidade da convivência destes na sociedade brasileira e a contribuição da escola nesse processo, e da responsabilidade dos professores como mediadores do processo ensino-aprendizagem, na preparação para a vida fora da escola. Esse capítulo ainda discorre sobre aspectos significativos desses discentes trabalhadores, que lutam por uma vida digna e por boas condições de empregos no mercado de trabalho.

O quarto capítulo destaca as dificuldades que os docentes e discentes encontram na EJA, apresentando os desafios e problemas que essa modalidade vem enfrentando para garantir um ensino igualitário. Expõe ainda questões relacionadas à qualificação profissional dos professores dessa modalidade e como a prática docente influencia para a permanência escolar desses jovens e adultos que

tanto lutam por uma vida melhor. Já o quinto capítulo, trata da questão central deste trabalho: as metodologias de ensino na realidade da Educação de Jovens e Adultos.

O sexto capítulo mostra a caracterização do município e das instituições de ensino onde foram realizadas as pesquisas, apontando os aspectos geográficos e descrevendo as escolas-campo, conforme o Projeto Político-Pedagógico (PPP) de cada uma, relatando sobre a história e o público que estas atendem. Nesse mesmo capítulo, foram feitas as análises dos dados da pesquisa. E, por fim, após todas essas etapas, foram apresentadas as conclusões do trabalho, que trazem, em si, a síntese das discussões e suas principais contribuições.

Não se considera, neste trabalho, de forma direta ou indireta, que estejam esgotadas as possibilidades de estudo e reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos. No entanto, acredita-se que as discussões aqui apresentadas, em vista do referencial teórico elencado e das pesquisas em campo, para o confronto teoria e prática, podem contribuir de forma significativa para a compreensão inicial do tema em questão e para o desenvolvimento de futuras pesquisas acadêmicas.

2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação de Jovens e Adultos surgiu ainda no período de colonização, quando o ensino era ministrado pelos jesuítas. Estes acreditavam que não seria possível converter os índios sem que eles soubessem ler e escrever. Sendo assim, para compreender a palavra de Deus, seria necessário imprimir o estudo da língua portuguesa. Portanto, a alfabetização no Brasil está presente desde o período do "descobrimento". Com a trajetória desse ensino implementado pelos jesuítas, os povos acabaram fazendo o paralelo entre esses dois saberes, pois um era subsidio para o florescimento do outro.

> Não é, pois, de se estranhar que na colônia tenham vingado hábitos aristocráticos de vida. No propósito de imitar o estilo de metrópole, era natural que a camada dominante procurasse copiar os hábitos da camada nobre portuguesa. E, assim, a sociedade latifundiária e escravocrata acabou por ser também sociedade aristocrática. E para isso contribuiu significativamente a obra educativa da Companhia de Jesus (RAMONELLE, 2012, p. 33).

Os jesuítas permaneceram no Brasil por 210 (duzentos e dez) anos, sendo expulsos em 1759, com a chegada do Império. Com a constituição de 1824 promulgada, essas pessoas perdem o seu prestígio e a educação passa a ser exclusiva para a elite imperial, tornando-se, assim, restrita.

Como afirma Ramonelle (2012, p. 36),

> Da ascensão do Marquês de Pombal, cuja linha de pensamento estava estreitamente vinculada ao enciclopedismo, resultou a expulsão dos jesuítas de Portugal e de seus domínios. [...] Inúmeras foram as dificuldades daí decorrentes para o sistema educacional. Da expulsão até as primeiras providências para a substituição dos educadores e do sistema jesuítico transcorreu um lapso de 13 anos. Com a expulsão, desmantelou-se toda uma estrutura administrativa de ensino. A uniformidade da ação pedagógica, a perfeita transição de um nível escolar para outro, a graduação, foram substituídas pela diversificação das disciplinas isoladas. Leigos começaram a ser introduzidos no ensino e o Estado assumiu, pela primeira vez, os encargos da educação.

No entanto, no ano de 1930, o sistema de ensino começa a se moldar em relação à alfabetização de adultos e a educação passa a estender-se para o público em geral. Como afirma Colavitto e Arruda (2015), a educação básica de adultos começou a estabelecer seu lugar através da história da educação no Brasil a partir da década de 1930. Devido às várias transformações e mudanças na sociedade, o sistema de ensino começa a se firmar. Além do crescimento no ensino, também era o começo das grandes industrializações, cujo foco estava centrado no âmbito do

trabalho, voltando-se para o ensino técnico. A esse respeito, Colavitto e Arruda (2015) afirmam:

> O crescimento da industrialização começou a exigir mais da população, a oferta de ensino era de graça e atendia diversos setores sociais e não mais só os burgueses. Todo esse crescimento, essas mudanças e facilidades fizeram com que uma grande parte da população se interessasse mais pela educação.

Já na época seguinte, em 1940, a educação de Jovens e Adultos começa a ganhar força com o surgimento de algumas iniciativas políticas e pedagógicas, como a Regulamentação do Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP) e do lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), entre outros. Sobre isso, Colavitto e Arruda (2015) afirmam que a década em questão, 1940, foi um período em que ocorreram muitas mudanças na Educação de Jovens e Adultos, pois houve grandes iniciativas políticas e pedagógicas.

Com o fim da era Vargas, em 1945, o país passa por uma grande desordem, ocasionando críticas ao governo e havendo certo retrocesso no ensino, pela extinção dos programas até então implementados.

> Foi um momento que surgiu muitas críticas aos adultos analfabetos, fazendo com que muitas dessas pessoas desanimassem, e parassem de acreditar na possibilidade de existir um ensino de qualidade. Toda essa luta, garra e dedicação por uma educação de qualidade para todos, fez com que a educação de adultos ganhasse destaque na sociedade (COLAVITTO e ARRUDA, 2015, p. 4).

Em 1947, surge uma campanha que visava à valorização e uma atenção mais voltada ao ensino de jovens e adultos. Nasce, então, uma meta: alfabetizar em três meses esse público. E só depois essa meta seria voltada para a capacitação profissional e para o desenvolvimento comunitário. Como afirma Colavitto e Arruda (2015, p. 4), “a campanha de educação lançada em 1947 buscava uma ação que previa a alfabetização em três meses, para depois seguir uma etapa de ação voltada para a capacitação profissional e para o desenvolvimento comunitário”.

Já no fim de 1950, essa campanha sofreu muitas críticas. Porém, apesar de todas essas censuras, serviu para que uma nova proposta para a educação nascesse, e seu principal organizador era Paulo Freire.

> No fim da década de 50, surgiram críticas à Campanha de Educação de Adultos, [...]. Mas todas essas críticas serviram para que um novo olhar sobre as dificuldades do analfabetismo fosse dado, e assim uma nova proposta pedagógica para a educação de jovens e adultos foi lançada, cujo educador principal foi Paulo Freire (COLAVITTO e ARRUDA, 2015, p. 5).

Segundo a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2002, p. 15), “[...] Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação, por todo o Brasil, de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire”. Com o PNA aprovado, Paulo Freire, com essa proposta de programas de alfabetização, não pensou em um simples fato de alfabetizar, mas em formar uma sociedade crítica e autônoma. Porém, foi barrado por causa do golpe militar de 1964 e infelizmente as propostas de mudança feitas por ele não puderam vigorar.

> No começo, mesmo com a sua ação consciente no trabalho de alfabetização, houve dificuldades, pois veio o golpe militar de 1.964 que causou uma ruptura em seu trabalho, pois toda a experiência do educador, a conscientização e proposta para as possíveis mudanças, foram vistas como ameaça pela “revolução” (COLAVITTO e ARRUDA, 2015, p. 5).

No contexto histórico, é importante salientar a criação de um programa de alfabetização de adultos bem significativo: conforme a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2002, p. 15), “em 1967, o governo federal organizou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), iniciando uma campanha nacional maciça de alfabetização e de educação continuada para jovens e adultos”.

O MOBRAL, até o ano de 1980, não parou de crescer, estendendo-se em todo o território nacional, mas variava as suas atenções, sendo que outro programa iniciado por ele, Programa de Educação Integrada (PEI) visava à continuação, para que aqueles jovens pudessem prosseguir nos seus estudos. Isso é confirmado pela Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2002, p.15):

> Até a década de 80, o Mobral não parou de crescer, difundindo-se por todo o território nacional e diversificando sua atuação. Uma de suas iniciativas foi o Programa de Educação Integrada (PEI), que condensava o primário em poucos anos e abria a perspectiva de continuidade dos estudos aos recém-alfabetizados do Mobral.

Vale ressaltar que o governo não deu tanto apoio à Educação de Jovens e Adultos, e o MOBRAL, a partir de 1985, foi extinto, nascendo outra fundação em seu lugar: a Fundação EDUCAR, que na época era um dos apoios deste ensino de jovens e adultos.

De acordo com Gadotti e Romão (2011, p. 43),

> [...] com a “redemocratização” (1985), a “Nova República”, sem consultar os seus 300 mil educadores, extingue o MOBRAL e cria a Fundação Educar, com objetivos mais democráticos, mas sem os recursos de que o MOBRAL dispunha. A educação de jovens e adultos foi, assim, enterrada pela “Nova República” [...].

Todavia, a Fundação EDUCAR também foi extinta e a responsabilidade de continuar este trabalho de alfabetização passou a ser dos órgãos públicos e outras entidades. Conforme BRASIL (2002, p. 16-17) “[...] com a extinção dessa fundação, em 1990, os órgãos públicos, as entidades civis e outras instituições passaram a arcar sozinhos com a responsabilidade educativa pela educação de jovens e adultos”.

A partir da década de 1990, no entanto, a Educação de Jovens e Adultos vai ganhando mais força e começa a moldar suas propostas de ensino fazendo com que a educação buscasse novas implementações de métodos pedagógicos com o intuito de promover uma educação mais qualificada para os jovens e adultos.

> É então na década de 90 que a Educação de Jovens e Adultos consegue estabelecer uma nova política, onde ganha novos métodos para trabalhar com criatividade, a fim de fazer com que jovens e adultos que tiveram uma vaga passagem pelas escolas, tenham uma nova oportunidade de inserir-se na educação e, assim permanecendo, venham a ganhar cultura, conhecimento e incluírem-se no mercado de trabalho (COLAVITTO e ARRUDA, 2015, p. 6).

Corroborando com isto BRASIL (2002, p. 17) afirma: “Porém, somente em 1994 foi concluído o Plano Decenal, fixando metas para o atendimento de jovens e adultos pouco escolarizados”.

Depois desse período, nasceram outros programas como afirma (BORGES, 2015, p. 4) “[...] temos o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), já no governo de Fernando Collor de Mello; no ano de 1997 é lançado o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), este programa faz parte do governo do sociólogo, Fernando Henrique Cardoso”.

Já em 2003, o governo federal junto com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), veio comunicar que uma das suas principais prioridades seria a Educação de Jovens e Adultos (EJA), já que o índice de analfabetismo era muito alto. Para isso, foi criada uma secretaria extraordinária de erradicação de analfabetismo, e sua meta seria amenizar o índice de analfabetismo durante os quatro anos de mandato do governo.

Segundo Gadotti (2009, p. 5),

> Cristovam Buarque assumiu o Ministério de Educação do governo Lula, em janeiro de 2003, dizendo que eliminaria o analfabetismo em quatro anos, meta ambiciosa que todos sabiam que seria impossível de alcançar em tão pouco tempo. O que não se esperava é que acontecesse ao contrário.

Para isso, foi criado o Programa Brasil Alfabetizado, que, por meio do MEC, ajudando os estados e municípios e também as instituições no seu trabalho para combater o analfabetismo. Segundo Borges (2015, p. 4) “[...] por fim, vivemos o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), do então ex-metalúrgico do ABC paulista e presidente em vigência, Luiz Inácio Lula da Silva”.

Não é novidade que são feitos vários congressos, convenções para combater esse problema que se alarma no Brasil. Uma das mais importantes conferências que expõe uma visão atual do analfabetismo é a Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA). Como afirma Gadotti (2009, p. 7) “a Confitea, de caráter intergovernamental, tem por objetivo a promoção da Educação de Adultos como política pública no mundo [...]”. Ela apresenta todo o resultado social que o país está fazendo para o combate ao analfabetismo e o que precisa para melhorar.

> A Conferência Internacional de Educação de Adultos é convocada periodicamente pela Unesco, com a finalidade de fazer um balanço mundial do setor, estabelecer novos programas e metas – uma “agenda para o futuro” – e promover a educação ao longo da vida [...] (GADOTTI, 2009, p. 8).

Com os avanços na reforma educacional, a Educação de Jovens e Adultos também avançou, mas ainda não considerado louvável. O país ainda precisa melhorar muito em relação à EJA, pois essa modalidade de ensino já vem sendo desvalorizada há muito tempo, revelando desigualdade e uma administração pública pouco comprometida com a situação.

Na região Nordeste do Brasil, concentra-se a maior parte da população brasileira, com o percentual de 28,9%. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), reúne também a maior taxa de pobreza, desemprego e analfabetismo do Brasil, consequência de um processo histórico de exclusão. É devido a esse fator que se alarga a exclusão social.

> Os números do PNAD 2008 chegam a ser constrangedores. Em Belém, no final do ano, na VI Conferência Internacional de Educação de Adultos da UNESCO, que pela primeira vez, se realiza no hemisfério sul, mostram que o índice de analfabetismo diminuiu apenas 0,1%. O resultado só não foi pior em razão do bom desempenho do Nordeste, região que teve maior participação da sociedade civil: a taxa de analfabetismo recuou de 9,9% para 9,8% entre 2007 e 2008 (GADOTTI, 2009, p. 5).

Direcionados pelo contexto social do nordeste e pela precariedade das condições de vida da população, era preciso ter uma ação mais voltada ao âmbito educacional da EJA.

De acordo com Gadotti (2009, p. 18) “é preciso desenvolver novas formas de educação que recuperem o sentido mesmo da educação, que é conhecer-se a si mesmo e ser melhor como ser humano, aprendendo por diferentes meios, formais e não formais”.

Apesar de alguns avanços da educação de jovens e adultos, é necessário ainda um aprimoramento, como mostra o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), ressaltando que no ano de 2013 houve uma queda razoável do analfabetismo, mas não considerada o bastante:

> O analfabetismo recuou em todas as regiões do Brasil e em todas as faixas etárias. A taxa de analfabetismo caiu de 8,7% em 2012 para 8,3% em 2013, considerando a população com 15 anos ou mais. Se a comparação for estendida para os últimos 10 anos, verifica-se avanço ainda mais significativo: a taxa diminuiu de 11,5% em 2004 para 8,3% em 2013.

Porém, a região que mais se destaca na quantidade de analfabetos é a Região Nordeste, onde se concentra a maior população de analfabetos. Segundo Borges (2015):

> Os dados mais recentes do analfabetismo estão na Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (Pnad) 2012, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Eles mostram que 7,2 milhões de brasileiros que deveriam saber ler e escrever (possuem mais de 10 anos de idade) vivem nos estados da região Nordeste (In: ultimosegundo.ig.com.br).

Assim, pode-se ver que o analfabetismo ainda é um problema bem presente. Em todos os governos e também convenções, congressos, etc., que discutem esse caso, são feitos projetos para combater esse problema. No entanto, mesmo com tudo isso, as metas traçadas até agora não foram atingidas, o país ainda sofre com essas mazelas da educação e também com as desigualdades sociais.

Nesse contexto, vê-se que é fundamental o reconhecimento do direito à educação para os jovens e adultos, e que haja garantias de continuidade dos estudos para além da EJA. Para Gadotti (2009, p. 17), “o direto à educação não se esgota com o acesso, a permanência e a conclusão desse nível de ensino: ele pressupõe as condições para continuar os estudos em outros níveis”.

Uma educação básica para todos significa oferecer às pessoas, independentemente da idade, a oportunidade de desenvolver seu potencial, coletiva ou individualmente. Não é apenas um direito, mas um dever e uma responsabilidade do governo. Como afirma Gadotti (2009, p. 12), “a educação é dever do Estado e a responsabilidade por ela não deve recair exclusivamente no indivíduo”.

Diante disso, vale observar que o Maranhão é o estado do Brasil onde se concentra uma taxa de 19,31% de analfabetos – dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (BRASIL, 2015). É um dos estados mais atingidos com essa crise de falta de uma educação de qualidade.

Assim, um dos grandes desafios enfrentados nesse Estado é a falta de investimentos em recursos escolares e na qualificação profissional dos professores, para trabalharem nessa modalidade de ensino. Há também uma deficiência por parte das esferas governamentais, no que diz respeito à garantia de uma educação inclusiva e de qualidade. Como afirma Gadotti (2009, p. 6),

> sabemos que o fim do analfabetismo não é só responsabilidade do governo federal: é responsabilidade das três esferas de governo. [...] O analfabetismo é uma ofensa ao direito de cidadania: é como negar o direito humano à comida, à liberdade, o direito a não ser torturado.

Chapadinha, marco territorial deste trabalho, é um dos municípios do Maranhão que concentra uma população estimada de 76.972 dentre 59, 06% são de baixa renda, por motivos diversos. Nesse contexto, além de terem que trabalhar para a sustentação de suas famílias, a maioria dos jovens e adultos não teve escolarização (BRASIL, 2015).

No entanto, o município[3] disponibiliza uma rede de ensino que oferece, há mais de uma década, a Educação de Jovens e Adultos, para que esse público possa ter a oportunidade de recuperar o tempo perdido e poder, dessa forma, desenvolver-se melhor na sociedade letrada.

A EJA em Chapadinha é, atualmente, ofertada em 05 (cinco) escolas municipais da zona urbana, que atendem um número de aproximadamente 393 (trezentos e noventa e três) alunos, com faixa etária entre 14 (quatorze) e 65 (sessenta e cinco) anos de idade e residem tanto na zona urbana como também na rural. E é desse contingente que foram construídas as reflexões neste trabalho monográfico.

[3] As informações sobre a EJA no município foram adquiridas junto à Secretaria Municipal de Educação de Chapadinha (SEMED).

3 A IMPORTÂNCIA DA EJA PARA A ASCENSÃO SOCIAL DOS ALUNOS

Os jovens e adultos não alfabetizados que buscam melhores condições de trabalho e de vida têm enfrentado grandes desafios no meio social para serem reconhecidos como capacitados e para exercerem uma função honesta no mercado de trabalho. Devido à falta de conhecimento, muitos desses cidadãos submetem-se a trabalhos subvalorizados, e muitos são até explorados, para manter sua sobrevivência. Isso tem gerado uma inquietação e um desejo de transformação. Portanto, os jovens e adultos veem na educação uma porta de saída para uma vida mais digna, com melhores possibilidades de crescimento pessoal e profissional.

Para Capucho (2012, p. 22),

> [...] a luta histórica pela igualdade do direito à Educação e o enfrentamento às múltiplas formas de exclusão social resultam na garantia da Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação Básica, sob a responsabilidade dos sistemas públicos de ensino, os quais passaram a responder pela disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade, adaptabilidade, permanência e elevação da escolaridade de jovens e adultos(as), mediante ações integradas e complementares entre os diferentes entes federados.

Os jovens e adultos, a partir do momento em que são inseridos na modalidade de ensino EJA, passam a acreditar que suas vidas vão melhorar. Eles depositam na escola a responsabilidade de fazê-los modificar o seu modo de pensar e de agir, para que a mudança em suas vidas aconteça.

Como afirma Laffin (2012, p. 39),

> Na EJA o trabalho é uma questão muito presente. Seja porque os alunos estão tentando manter seus empregos, seja porque estão procurando se qualificar para conseguirem um, seja porque acreditam que só com educação poderão consegui-lo mais adiante. Mesmo os jovens que nunca tiveram essa experiência atribuem grande importância à escola para conseguirem uma profissão.

Diante disso, percebe-se que a escola desempenha um papel relevante para esses jovens e adultos, cabem a esta instituição o dever de assegurar a esses alunos um lugar digno na sociedade, independentemente de suas culturas ou condição financeira, pois os alunos da EJA não são crianças, para serem ignorados, nem desumanos para serem excluídos, como afirma Laffin (2012, p. 39),

> [...] refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de não-crianças; a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais.

Vale ressaltar que os jovens e adultos que retornam à escola trazem saberes relevantes e uma vasta experiência de vida. Assim, o professor, como mediador do conhecimento, deve estar sempre revendo suas metodologias, no sentido de observar se estão adequadas ou não para o processo do ensino e aprendizagem dos alunos. Há de considerar-se também que, para a transformação da identidade desses educandos, é necessário não só a intervenção do docente, mas de toda a escola, que deve mobilizar-se no sentido de prepará-los para o exercício da cidadania.

A esse respeito, Laffin (2012, p. 41) diz que

> Os saberes que os alunos da EJA trazem para a escola são de uma riqueza evidente. [...] Reconhecer que o trabalhador, como sujeito do conhecimento e do saber, é capaz de aprender e, principalmente, que já aprendeu apesar da escola, traz enormes desafios pedagógicos, uma vez que exige metodologias que possam fazer brotar o conhecimento tácito do trabalhador. Implica o reconhecimento da escola como local de ingresso dos alunos trabalhadores numa modalidade especial desse processo humano que não começa nem termina na escola, mas se prolonga pela vida afora.

Os alunos da EJA são homens e mulheres que, de alguma forma, desistiram ou nem tiverem acesso à escola, por motivos diversos, e isso os tem prejudicado na sua vida em sociedade. Eles procuram na Educação uma forma de superar suas dificuldades:

> Jovens, adultos (as), idosos (as) precisam ser reconhecidos(as) como sujeitos de direito, pois, em virtude das situações de desigualdade presentes na sociedade brasileira, e ausência do Estado na garantia dos direitos, lhes foi negado o direito à educação no passado, e lhes é dificultado no presente. O que valida a reivindicação, com vistas a universalizar a educação em nosso país, ou seja, as políticas públicas precisam focar medidas especiais e emergenciais com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas (CAPUCHO, 2012, p. 23).

O mercado de trabalho, nos tempos comuns, exige um mínimo de competência e habilidade aderido de conhecimentos, principalmente tecnológico, para os que procuram um trabalho.

É preciso que o professor esteja atento ao perfil de alunos que tem. Isso pode fazer a diferença no seu processo de ensino. No caso específico da EJA, como afirma Laffin (2012, p. 40),

> [...] os alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos considerados adequados à faixa etária, pois muitos deles são trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re) inserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência. Para eles, foi a ausência de uma escola ou a evasão da mesma que os dirigiu para um retorno, nem sempre tardio, à busca do direito ao saber.

Nesse sentido, é necessário que o professor, no decorrer do processo educativo, averigue a vida do aluno, dentro e fora da escola, visando adquirir informações que contribuam para a prática docente em sala de aula. É importante que o educador valorize o conhecimento prévio desses discentes, pois é a partir daí que estes vão construir novos saberes necessários à vida social e profissional.

> A perspectiva e desafio é construir um processo educativo onde os cidadãos e cidadãs tenham ciência da produção de sua existência material e simbólica, no processo de transformação da natureza, enfrentando o reducionismo do que se convencionou chamar de mercado de trabalho (LAFFIN, 2012, p. 31).

A autora ratifica que o alunado da EJA é constituído, muitas vezes, por pessoas desinformadas, mas que buscam aprender, que lutam para conseguir seu lugar perante a sociedade.

> A formação para a cidadania vai além dos muros das escolas. Ela é forjada no dia a dia das relações dos indivíduos e no conjunto das organizações da sociedade, pois a cidadania é uma situação política, social e econômica dependente de condições concretas. A formação nessa perspectiva não pode circunscrever-se ao espaço escolar, mas também não podemos desconsiderar que esse seja o espaço privilegiado para que jovens e adultos(as), das camadas populares, tenham acesso ao conhecimento historicamente produzido e também vivências marcadas pelo entendimento mutuo, respeito e luta por direitos, ou seja, espaço potencial para o fortalecimento da democracia e promoção da cidadania (CAPUCHO, 2012, p. 37-38).

É notório que a vivência social ajuda o aluno a desenvolver-se, mas é preciso que este esteja inserido na vivência escolar, para construir saberes úteis para a sua formação e construção identitária. No entanto, a construção do saber não se restringe em um único lugar; em qualquer lugar pode obter-se conhecimento. Outro fato a considerar é que, nas salas de aulas, existem as diversidades cognitivas e culturais que fazem com que o trabalho pedagógico seja mais complexo.

Quanto a isso, Laffin (2011, p. 164) fala que:

> [...] são estudantes da Educação de Jovens e Adultos, homens e mulheres com diferentes idades e trajetórias de vida, que contam fatos, que revelam segmentos das suas constituições, ou seja, condições de classe, etnia, gênero e geração, contextualizados social, histórica, políticas e economicamente.

É conveniente que o professor da EJA conheça as condições de vida do discente, em todos os seus aspectos: financeiros, sociais e culturais. Conhecer não apenas teoricamente, mas com a vivência no próprio ambiente em que ele está

inserido, como afirmam Gadotti e Romão (2011, p. 38), “o sucesso de um programa de educação de jovens e adultos é facilitado quando o educador é do próprio meio”.

Nesse sentido, entende-se que o docente dessa área de educação tem um papel relevante para que a mudança, na vida desses jovens e adultos, aconteça de forma gratificante, prazerosa e socioeconomicamente.

Ainda conforme Gadotti e Romão (2011, p. 39),

> Um programa de educação de adultos [...] não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador.

Nesse mesmo sentido, (GADOTTI, 2011) vai falar sobre os alunos trabalhadores, chamando a atenção para o fato de que, nem sempre, estes são respeitados por essa condição, configurando uma injustiça social:

> [...] mais do que nunca, a educação básica de jovens e adultos trabalhadores se coloca como uma das mais estratégicas formulações para a possível transformação e, no limite, revolução da sociedade injusta, discriminatória, meritocrática e elitista em que vivemos (GADOTTI, 2011, p. 66).

O aluno da EJA almeja, com os estudos, ter uma mudança no seu processo de conhecimento, pois ele fica ansioso para ver a transformação que a educação propicia na sua vida, no seu modo de falar, de agir, de pensar e, principalmente no mercado de trabalho.

Esses alunos não querem ser tratados como alguém que não tem conhecimento, nem ser tratados como crianças, que não têm experiência de vida, mas sim como cidadãos que buscam os seus direitos de aprender e lutar por uma vida melhor. Devido ao atraso de seus estudos, eles procuram na EJA recuperar o tempo perdido, pois sabem que só na escola encontrarão esse caminho de uma vida melhor no mundo letrado.

> O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois a sua “ignorância” lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o direito de se expressar (GADOTTI, 2011, p. 47).

Nesse aspecto, a escola deve buscar estratégias para a permanência integral desses alunos, fazendo com que se sintam motivados e queiram desfrutar

dos estudos, para encontrar um meio de intervir no seu desenvolvimento. Para muitos deles, o seu tempo de aprender e conseguir um emprego melhor já se esgotou devido à idade, mas é dever do docente trabalhar o pensamento desses alunos, procurando transformá-lo, mostrando que nunca é tarde para lutar por uma educação de qualidade e por uma vida melhor em sociedade.

O professor precisa, portanto, conhecer a realidade de seus alunos, trazendo para a sala de aula metodologias alusivas ao cotidiano deles, valorizando a cultura de cada um, aproveitando os conhecimentos prévios e contextualizando-os com a vida escolar.

Por menor que seja o envolvimento do aluno na aula, de alguma maneira, é significativo para a sua aprendizagem. Como afirma Leite (2013, p. 96) “estimular a reflexão, a autonomia e dar voz aos alunos estimulava a sua formação como sujeito pensante, reflexivo e atuante em seu processo de aprendizagem [...]”.

Nas palavras do autor, agindo dessa forma, o professor poderá conquistar os seus alunos, pois muitos desistem de estudar por não perceberem no docente uma pessoa que se importa com eles, que lhes dê a atenção especial de que precisam para superarem as dificuldades de aprendizagem.

4 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos, desde sua origem, tem-se enfrentado grandes dificuldades para que a EJA seja reconhecida como uma porta de saída daqueles que não têm estudo, para um caminho de mudanças no espaço social.

Assim, é preciso esclarecer que os jovens e adultos que deixaram a escola tiveram algum motivo para fazê-lo. E quando resolvem retomar os estudos, o fazem com o intuito de buscar melhor qualidade de vida e ascensão social. E, nesse caso, a EJA é fundamental:

> [...] a Educação de Jovens e Adultos vem sofrendo um longo processo histórico de negligência e desvalorização por parte das diversas instâncias governamentais, em nosso país. Assim, se, por um lado, a realidade dos professores é muito difícil, a dos alunos de EJA muitas vezes é ainda mais. São, em sua grande maioria, homens e mulheres com trajetórias de vida marcadas pelo fracasso escolar, pelo trabalho desde a infância, pela marginalização de acesso aos bens de consumo e a empregos melhor remunerados. São pessoas que internalizam o estigma social do analfabeto, sentindo-se inferiorizadas por não poderem participar das práticas sociais de leitura e escrita (LEITE, 2013, p. 67).

Não obstante, o problema do analfabetismo de jovens e adultos é uma questão ainda bem presente na sociedade brasileira, e o sujeito analfabeto, muitas vezes, pensa que a educação não é um direto de todos. E muitos jovens deixam de estudar devido à sua vida sofrida, ao trabalho no campo, às condições precárias em que vivem, por não terem motivação ou o acompanhamento da família. Ingenuamente, pensam que, por não terem condições financeiras, não podem ter acesso à escola, o que provoca muitos problemas na sua aprendizagem e mesmo a evasão escolar.

Sendo assim, para que os alunos permaneçam na escola, é fundamental que o professor reflita sobre sua prática em sala de aula, exercendo seu trabalho pedagógico de maneira diferenciada. Dessa maneira, poderá atender as necessidades desses cidadãos que anseiam por uma vida melhor.

Para Gadotti (2009, p. 81),

> A politização do ato pedagógico tem relação íntima com a questão da recuperação da funcionalidade do saber escolar [...]. É a perda dessa funcionalidade que provoca a evasão, a repetência, o desinteresse, a apatia do alunado, mormente entre os jovens e adultos que trazem para as relações pedagógicas uma série de experiências, vivências e saberes construídos na luta cotidiana pela sobrevivência, sem falar da incorporação da ideia de que os conteúdos e habilidades a serem adquiridos servem apenas para responder às avaliações propostas.

A EJA é uma modalidade de ensino que foi criada no sentido de buscar garantir aos jovens e adultos o direito à educação. Para isso foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB 9394/96), que assegura a possibilidade de estudar aos alunos que não tiveram acesso à escola na idade certa.

Nesse sentido, vale ressaltar também que é dever do Estado garantir um ensino de qualidade, com escolas bem estruturadas, com recursos pedagógicos suficientes e professores qualificados para atender alunos jovens e adultos, conforme está estabelecido no Art. 4º, inciso VII, da LDB 9394/96:

> O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996, p. 26).

No entanto, mesmo com as prerrogativas legais favoráveis, ainda é preciso considerar algumas variáveis negativas, tais como a negligência de alguns professores, a falta de uma formação específica para eles e a falta de uma estrutura adequada nas escolas. Sobre essa questão, Leite (2013, p. 74) afirma que:

> Se observarmos a realidade das salas de EJA, frequentemente funcionam em escolas construídas para atender a população infantil, ou seja, possuem uma arquitetura pensada para crianças. Assim, as salas da EJA funcionam no período oposto ao das aulas regulares. Essa representação social não está expressa apenas na arquitetura, mas no imaginário da sociedade, o que agrava o sentimento do adulto de não pertencimento ao espaço escolar.

Esses fatores explicitados pelo autor prejudicam a aprendizagem dos alunos da EJA, pois em algumas escolas o espaço físico das salas de aula é inadequado para a quantidade de alunos e até mesmo desestruturado para recebê-los. Muitas vezes essa modalidade de ensino funciona nas mesmas escolas de ensino regular, que atendem um público bem mais jovem, ou seja, as salas são pensadas para alfabetizar crianças, constrangendo assim o aluno da EJA que é bem mais maduro. Nesse sentido, Gadotti e Romão (2011, p. 65) esclarecem que:

> [...] há que se destacar a qualidade de que deve se revestir a educação de jovens e adultos. Ela não pode ser colocada paralelamente ao sistema, nem como forma compensatória, nem como forma complementar, mas como modalidade de ensino voltado para uma clientela específica.

Percebe-se, então, que a instituição escolar nem sempre consegue atender aos anseios dos alunos da EJA. No cotidiano, eles vêm para estudar depois do trabalho, muitas vezes enfadonho. Quando chegam à escola, querem ter suas expectativas correspondidas, mas se isso não acontece, se o docente não

compreende essa realidade de trabalho e estudo, acabam ficando desmotivado e desistindo dos estudos.

Para que isso não aconteça, é necessário que o docente fique atento e dê total atendimento pedagógico a esses alunos trabalhadores, pois a afetividade nesse momento faz toda a diferença para garantir a estabilidade deles na sala de aula.

Corroborando com este pensamento, Leite (2013, p. 106) afirma que:

> [...] a efetividade não se restringe apenas ao contato físico. [...] adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva.

Os alunos da EJA esperam encontrar na escola o que eles não encontram no ambiente de trabalho, ou seja, carinho, atenção e dedicação por parte de todo o corpo escolar. Logo, a escola deve incumbir-se com todas as atitudes necessárias para manter os alunos estudando, sem forçá-los. Para tanto, precisa oferecer um espaço favorável, com um olhar pedagógico diferenciado, no sentido de atender, da melhor forma possível, aos anseios e as perspectivas das turmas de EJA. Como afirmam Sousa, Souza e Brito (2013, p. 25):

> [...] a escola é um fator que influencia bastante, uma vez que, é na escola que o aluno passa grande parte do seu tempo, portanto, cabe à escola além de matricular o aluno, oferecer boas condições para que este permaneça até concluir seus estudos e prepare este sujeito para a vida social e para o trabalho.

Ainda a esse respeito, é preciso lembrar que prática docente é fundamental para o processo ensino-aprendizagem do discente. O professor deve desempenhar um trabalho motivador, a fim de que os alunos sintam-se envolvidos no ambiente escolar. Quanto a isso, Sousa, Souza e Brito (2013, p. 32) destacam:

> Em relação à prática do professor, percebe-se a carência de educadores qualificados para lidar com a EJA, ademais a falta de materiais didáticos também se constitui um grande problema. Nessa direção, ressalta-se a necessidade de qualificar o educador da EJA, incentivá-los a utilizar os materiais pedagógicos que a escola oferece e quando esta não disponibilizar, o educador deve construir suas próprias ferramentas, integrando os alunos nessa construção e dando preferência aos materiais do próprio meio no qual estão inseridos.

A afetividade é uma das qualidades que o professor deve ter no seu perfil de docente para que ele construa, em sala de aula, um ambiente de aproximação entre o aluno e o conteúdo. Para Leite (2013, p. 51), “a mediação do professor não se refere a ideias abstraídas, mas a situações permanentes vivenciadas na sala de

aula, que podem ser alcançadas pelo olhar do examinador, através de metodologias apropriadas às características do alunado".

Quando há dedicação, preocupação e valorização às peculiaridades dos alunos, eles percebem o interesse e sentimento do professor em querer-lhes ensinar, em querer-lhes o melhor. Dessa forma, a construção do conhecimento dar-se-á de forma mais significativa para o aluno e o docente poderá ter seus os objetivos alcançados com mais rapidez. Quanto a isso, Sousa, Souza e Brito (2013, p. 36) afirmam que:

> [...] o professor da EJA precisa ter conhecimentos necessários à sua função, uma vez que, sua clientela são sujeitos que precisam ser conscientizados de seu papel na sociedade. Deste modo, entende-se que esses profissionais devem passar por uma qualificação, a fim de construírem conhecimentos que os ajudem a compreender o perfil dos alunos da EJA e seus anseios.

Sendo assim, o planejamento das atividades que serão desenvolvidas na classe será indispensável. É nele que devem constar as metodologias adequadas para que se obtenha resultado esperado. Como afirma Leite (2013, p. 103) "[...] Na esfera de ações do professor, existe um impacto no aluno que é intencional e esperado, e o planejamento e execução das atividades de ensino são os meios através dos quais o professor busca produzir esse impacto intencional".

Portanto, o professor como mediador do conhecimento, é também um espelho para os alunos. As suas palavras são como uma porta que irá conduzi-los ao mundo do saber. Então, ele deve saber o que falar e quais atitudes adotar em sala de aula, para não desmotivar os seus alunos. Como afirmam Sousa, Souza e Brito (2013, p. 33) "[...] educar é possibilitar ao aluno construir suas próprias ideias levando em conta seus conhecimentos prévios, pois é mais fácil para o aluno aprender a partir daquilo que ele já conhece".

Nesse sentido, o docente torna-se um grande mediador e articulador entre os conhecimentos que os alunos da EJA trazem de seu cotidiano, de seu ambiente de trabalho e aqueles conhecimentos que são produzidos em sala de aula. O professor precisa ser o primeiro incentivador, para que seus alunos não percam a esperança nos estudos.

5 A QUESTÃO METODOLÓGICA E O ENSINO NA EJA

A ação de ensinar, por si só, já pressupõe organização, planejamento, sistematização. Dessa forma, o exercício da docência exige escolha de métodos, ou seja, de caminhos viáveis para a aprendizagem dos alunos. Quando se vai para uma sala de aula, algo deve ficar bem claro: além de saber-se o que ensinar (o conteúdo), deve-se também saber como ensinar (o método).

A esse respeito, e ratificando essa ideia, Libâneo (1990) afirma:

> O professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos, a que chamamos de métodos de ensino. Por exemplo, à atividade de explicar a matéria corresponde o método de exposição; à atividade de estabelecer uma conversação ou discussão com a classe corresponde o método de elaboração conjunta. Os alunos, por sua vez, sujeitos da própria aprendizagem, utilizam-se de métodos de assimilação de conhecimentos (LIBÂNEO, 1990, p. 150-151).

Tomando-se a palavra do autor, sobretudo quando ele fala da intencionalidade no ato de utilizar determinado método de ensino em sala de aula, pode-se inferir que o ato de ensinar não pode ser desenvolvido à base de improvisos.

Dessa forma, embora na atividade pedagógica, em qualquer modalidade de ensino, possam ocorrer situações inesperadas, as ações do professor devem ser o resultado de planejamento, no qual deve estar bem claro o(s) método(s) de ensino a ser(em) utilizado(s).

Entretanto, escolher um método de ensino não significa simplesmente elencar procedimentos. Antes disso, é preciso pensar na realidade macro a ser transformada e, principalmente, que tipo de sujeito-aluno se quer formar. É o que esclarece Libâneo (1990):

> [...] antes de se constituírem em passos, medidas e procedimentos, os métodos de ensino se fundamentam num método de reflexão e ação sobre a realidade educacional, sobre a lógica interna e as relações entre os objetos, fatos e problemas dos conteúdos de ensino, de modo a vincular a todo momento o processo de conhecimento e a atividade prática humana no mundo (LIBÂNEO, 1990, p. 151).

Diante da afirmação do autor, e considerando-se os princípios norteadores da Educação de Jovens e Adultos, em estudo neste trabalho, é preciso pensar a questão metodológica como algo que proporcione a transformação da realidade educacional nessa modalidade. Se o método escolhido não proporcionar essa transformação, deve ser substituído. É para isso que existe a avaliação. Além

disso, o método de ensino deve ser escolhido a partir de uma problematização que reflita a realidade dos alunos, suas necessidades fundamentais.

> A adoção de um método torna o trabalho educativo mais eficiente na medida em que orienta o professor ao facilitar e possibilitar aprofundamentos teóricos e práticos, sem, contudo, ditar os procedimentos que deverão ser executados em sala de aula, pois há diversas formas de abordar uma mesma atividade sem fugir ou contrariar o método adotado.
> Então, o trabalho pedagógico se caracteriza por ser uma **atividade planejada**, com **objetivos claramente estabelecidos** e com **ações organizadas** de forma sistemática, didaticamente preparada para que a **aprendizagem se efetive**. Para isso, o ensino precisa ser organizado de modo que a mediação Sujeito-Objeto do conhecimento possa alcançar o êxito esperado: **a efetivação da aprendizagem** (MARANHÃO, 2014, p. 17 – grifos do autor).

Mais uma vez fica evidente que a metodologia de ensino exige do docente uma profunda capacidade organizacional, que suas ações sejam planejadas e que tenham objetivos claros. Em outras palavras, todas as suas ações devem estar harmonizadas, articuladas, porque fazem parte de um todo pedagógico, de um pensar a prática de ensino como uma ação para além do universo da sala de aula.

Nesse aspecto, algumas questões são essenciais para o professor no que diz respeito aos pontos que vão fundamentar a sua preferência por determinado método de ensino, tais como:

> (i) os conhecimentos da disciplina;
> (ii) os conhecimentos da disciplina com os de outras disciplinas e áreas de conhecimento;
> (iii) os conhecimentos científicos e a prática social;
> (iv) os conhecimentos e os saberes e vivências dos/as alunos/as;
> (v) a teoria e a prática;
> (vi) a apropriação dos conhecimentos e a compreensão do mundo;
> (vii) as aprendizagens já consolidadas e as que estão em processo de efetivação;
> (viii) a educação escolar, o trabalho e a prática social.
> Esses fundamentos metodológicos destacam a **prática social** como eixo do trabalho pedagógico, em torno do qual a aprendizagem e o ensino se movimentam. Nesse sentido, é possível dizer que a prática social é **o ponto de partida e o ponto de chegada** do processo de ensino, considerando que o trabalho pedagógico tem como finalidade ampliar a compreensão sobre os elementos, nexos, inter-relações, contradições e fundamentos que constituem a realidade social (MARANHÃO, 2014, p. 18 – grifo do autor).

Diante dessa explicação, e considerando-se a realidade da EJA, pode-se perceber que o docente não pode desprezar o conhecimento da realidade de seus alunos, de suas vivências e saberes, como enfatiza o quarto ponto (iv), e, acima de tudo, precisa reconhecer o elo fundamental entre ensino e prática social.

Na realidade da EJA, os alunos – jovens, adultos e idosos –, muitas vezes, são trabalhadores que buscam na escola uma forma de crescerem mais

como pessoa e de estarem prontos para uma vivência social mais autônoma e menos submissa. Nesse sentido, o oitavo (viii) ponto da orientação acima é bem claro: o docente, em sua prática pedagógica, ou seja, na efetivação das ações metodológicas de ensino, precisa encontrar um meio eficaz de integrar o ensino, o trabalho e a prática social, a fim de que o seu ensinar cause um efeito positivo na realidade dos alunos, pois um ensino que não transforma de nada vale.

Em outras palavras, é como afirma Romão (2011):

> Podemos fazer a grande revolução da educação brasileira, independentemente das alterações na legislação ou do sistema, se, no dia a dia do trabalho, conciliarmos o compromisso – construído com nossos princípios de liberdade e equidade – com as camadas oprimidas da população e com as estratégias arquitetadas a partir de uma leitura da realidade.
> Ou, de um modo mais simples, se em todas as aulas, sempre nos colocarmos as questões “para quem estou ensinando”, “por que planejei minha aula dessa forma” e “para que projeto de sociedade estou trabalhando”, tenho a certeza de que estaremos iniciando a grande revolução pedagógica que o juiz da História cobrará desta geração de educadores (ROMÃO, 2011, p. 81).

As palavras do autor ratificam aquilo que se vem falando sobre educação e transformação social. Nesse sentido, fazendo-se uma relação com as metodologias utilizadas nas salas de aula da EJA, percebe-se, mais uma vez, que a prática pedagógica do docente, nesta e em outras modalidades de ensino, deve ser guiada pela realidade socioeconômica e cultural dos alunos.

Dizendo de outra forma, é preciso que o docente da EJA tenha uma visão holística do mundo e daquilo que a educação pode proporcionar para os alunos em termos de qualidade de vida, no tripé método-ensino-transformação. Nesse contexto, e pensando no método de ensino, Morin (2003) faz a seguinte afirmação:

> O método não é apenas uma estratégia do sujeito, é também uma ferramenta geradora de suas estratégias. O método ajuda-nos a conhecer e é também conhecimento.
> O método tem dois níveis que se articulam e se retroalimentam: por um lado, facilita o desenvolvimento de estratégias para o conhecimento; por outro, facilita o desenvolvimento das estratégias para a ação (MORIN, 2003, p. 31-32).

Com esse pensamento, tem-se a essência e a importância do método na prática pedagógica em sala de aula, ou seja, de sua utilização como elemento facilitador da ação pedagógica transformadora. Sem essa perspectiva, o ensinar na EJA torna-se uma simples ação burocrática, para atender a uma exigência legal, mas sem o compromisso de mudar a realidade dos alunos para melhor. E um ensino assim é incongruente e inadmissível em qualquer modalidade.

6 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A presente pesquisa, realizada no Município de Chapadinha-MA, teve como campo de pesquisa as escolas Unidade Integrada Dr. Almada Lima Filho, situada na travessa Coelho Neto, S/N, Bairro Terras Duras; Unidade Integrada João Gomes, situada na Av. José Sarney, S/N, Bairro Areal; Unidade Integrada Presidente José Sarney, situada na Rua Norte da Aldeia, S/N, Bairro Campo Velho e Unidade Integrada Manoel José de Santana, situada na travessa 15 de novembro, S/N, Centro.

Chapadinha é um dos municípios da região Nordeste, localizado no Estado do Maranhão. Este município tem uma população estimada em 76.972 habitantes, conforme as informações do IBGE indicativas ao ano de 2014. Inicialmente, a região era habitada por descendentes dos índios Anapurus, que em 1783, abrigaram-se num lugar popularmente chamado de Aldeia, que agora fica dentro dos limites da cidade. Como as terras eram de natureza fértil e tinham belas riquezas, os comerciantes sentiram-se atraídos e passaram a residir no local, que foi denominado “Chapada das Mulatas”, designação originada pela característica do terreno e por causa da cor das primeiras mulheres que habitaram o lugar.

As escolas-campo[4], acima referidas, estão inseridas em comunidades que têm realidades bem parecidas entre si. A maioria das pessoas que vivem nas comunidades de cada escola é de classe média baixa, e essa configuração social coincide com a baixa escolaridade desses cidadãos.

6.1 Breve descrição das escolas-campo

A Unidade Integrada Dr. Almada Lima Filho recebeu este nome em homenagem ao Dr. Artur Almada Lima Filho. Inicialmente, funcionava na casa do Dr. Moacir Bacelar, depois, no barracão do Sr. Cipriano Garreto, e, por último, antes de ir para o local que se encontra até hoje, funcionou no prédio Antonio Pontes de Aguiar. Em 1973, na administração do prefeito Bernardo Serra de Almeida, a escola passou a chamar-se Dr. Almada Lima Filho. No ano de 1983, no governo do prefeito Dr. José da Costa Almeida, a escola unificou-se, recebendo o nome de Unidade

[4] Observação: As informações sobre a breve história, estrutura física e funcionamento das escolas pesquisadas foram obtidas por meio de consulta aos seus respectivos Projetos Político-Pedagógicos (PPP).

Escolar Dr. Almada Lima Filho. Na administração do prefeito Magno Barcelar, sob a lei nº 942, do dia 11 de julho do ano de 2002, passou a chamar-se Unidade Integrada Dr. Almada Lima Filho e permanece até hoje com este nome.

Em sua estrutura física, a escola disponibiliza de 12 (doze) salas de aula, 01 (uma) sala de professor, 01 (uma) cantina, 01 (uma) sala de informática, 01 (um) depósito para material de expediente e de limpeza, 01 (um) depósito para guardar livros, 05 (cinco) banheiros, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) área não coberta, 01 (uma) área de circulação.

A escola atende, aproximadamente, 927 (novecentos e vinte e sete) alunos, distribuídos nos turnos diurno e noturno. A EJA é oferecida somente no turno noturno, num total de 03 (três) turmas.

Já a escola João Gomes foi criada a partir da Lei nº 152, livro nº 05, no dia 29 de novembro de 1957, sendo que funcionou na localidade São Bento, alguns anos, e depois se instalou na cidade de Chapadinha, estando situada na Avenida José Sarney, nº 529, no Bairro Areal, sob a administração de Raimundo Vieira Almeida. A origem do nome João Gomes foi em homenagem ao proprietário das terras onde a escola foi construída, hoje chamado bairro Areal. O primeiro professor a trabalhar nesta escola foi o senhor Francisco Isaías do Nascimento.

Esta escola possui uma estrutura física de quatro blocos: no primeiro, funciona a secretaria e o laboratório de informática; no segundo, terceiro e quarto, funciona salas de aula, cantina e depósito e os banheiros. Ao lado da escola existe uma quadra de esportes, porém inativa.

Quanto ao funcionamento, esta atende em três expedientes: matutino, vespertino e noturno. No matutino, oferta apenas os anos iniciais do ensino fundamental; no vespertino, os anos finais do ensino fundamental e, no noturno, somente a Educação de Jovens e Adultos.

A escola Unidade Integrada Presidente José Sarney foi criada pela Lei 299, com o nome professor Júlio Bacelar, em 23/09/1967, no povoado Inhambu, mas através do decreto nº 344, de 15 de abril de 1968, foi transferida para a cidade de Chapadinha. E, conforme o decreto nº 15, de 28 de maio de 1994, passou a ser chamada Unidade Escolar José Sarney, permanecendo com este nome até o ano de 2001. No ano de 2002, houve uma mudança no nome da escola, que passou a ser chamada Unidade Integrada Presidente José Sarney.

A escola possui, em sua estrutura física, 06 (seis) salas de aula, 01 (uma) secretaria, 02 (dois) depósitos, 02 (dois) banheiros 01 (uma) cozinha, 01 (uma) área aberta interna, 01 (um) laboratório de informática e 01(uma) sala de leitura.

Atualmente, funciona nos três turnos, atendendo uma clientela de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e de 1ª a 8ª série da EJA.

Por fim, a escola Unidade Integrada Manoel José de Santana foi fundada em 10 de maio de 1975, conforme a Lei nº 420, sob a administração do prefeito Bernardo Serra de Almeida. O nome se deu em homenagem ao pai do governador do estado do Maranhão na época, Dr. Pedro Neiva de Santana. Nos anos de 1975 a 2000 a escola atendia somente o ensino de 1ª a 4ª série. Já em 2001, constituiu-se Unidade Integrada Manoel José de Santana, atendendo de 1º ao 8º ano até 2006, funcionando, apenas no turno matutino, com o segmento 01, e no vespertino, com o segmento 02 do Ensino Fundamental de nove anos, e, no noturno, a EJA regularmente.

Em 2007, foi implantado o Ensino Fundamental de nove anos, no sentido de melhorar as condições pedagógicas, para a entrada de alunos com a idade de seis anos nas séries iniciais do EF, o que provocou uma mudança nas adaptações pedagógicas da escola.

Essa escola possui, em sua estrutura física, 09 (nove) salas de aula, 01 (uma) sala de professor, 01 (uma) sala de vídeo, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) área aberta interna, 09 (nove) banheiros, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) secretaria.

Atualmente, funciona nos três turnos. No matutino, oferece o Ensino Fundamental I e II: 1º ao 6º ano; no vespertino, Ensino Fundamental II: 6º ao 9º ano e, no noturno, a Educação de Jovens e Adultos 1ª e 2ª etapa.

Examinados os Projetos Político-Pedagógicos das escolas acima descritas, percebeu-se que estas instituições de ensino propõem uma forma dinâmica de trabalho docente, prevendo o uso de materiais pedagógicos diversificados e metodologias adequadas a cada faixa etária dos alunos, considerando esse aspecto essencial para a aquisição da aprendizagem e para proporcionar um ambiente agradável e descontraído no ato de ensinar.

Já que o PPP é desenvolvido a partir das necessidades da comunidade em que a escola está inserida, em tese, fica mais fácil atender as expectativas dos alunos jovens e adultos, sabendo-se que eles precisam de um olhar mais atento,

pois a maioria está voltando para a escola depois de um período de afastamento, por diversos motivos.

6.2 Método de abordagem da pesquisa

Para a realização da presente pesquisa, que surgiu da necessidade de conhecer qual a metodologia utilizada pelos docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), decidiu-se pesquisar 04 (quatro) escolas da rede municipal (zona urbana) que oferecem essa modalidade de ensino.

O método utilizado para a efetivação desse trabalho constituiu-se em pesquisa descritivo-qualitativa. Segundo Rampazzo (2005, p. 60) na pesquisa descritivo-qualitativa "busca-se conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano [...]".

Vale ressaltar também que o método é, segundo Calderón (*apud* MARCONI e PRESOTTO, 2011, p. 12) "um conjunto de regras úteis para a investigação, é um procedimento cuidadosamente elaborado, visando provocar respostas na natureza e na sociedade e, paulatinamente, descobrir sua lógica e leis".

A preferência por essa abordagem possibilitou a coleta de informações atuais e relevantes quanto à realidade da Educação de Jovens e Adultos nas escolas da rede municipal de Chapadinha.

Referindo-se ainda à pesquisa, esta permeia à revisão bibliográfica e também à pesquisa de campo. Sobre isso, Gil (2002, p. 44) enfatiza que:

> A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Referindo-se a pesquisa de campo, esta permite uma visão mais abrangente da realidade da comunidade, fazendo com que o pesquisador tenha um contato direto com o objeto pesquisado, podendo obter resultados satisfatórios, o que contribuirá para o aguçamento da sua curiosidade. Para Gil (2002, p. 53),

> [...] o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses

> procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, utilizou-se a entrevista, que foi aplicada e gravada, para melhor aproveitamento das informações. Posteriormente, essas gravações foram transcritas, valendo-se de todo o critério de rigorosidade, substituindo os nomes dos envolvidos por letras do alfabeto, para garantir o anonimato, por questões de ética na pesquisa.

Para Vergara (2011, p. 52),

> A entrevista é um procedimento no qual você faz perguntas ao alguém que, oralmente, lhe responde. A presença física de ambos é o ideal no momento da entrevista, mas a entrevista também pode ser feita por mídia interativa em geral, embora corra o risco de perder um pouco em qualidade.

Foram entrevistados coordenadores, professores e alunos, e estes foram informados com antecedência da entrevista, conforme orienta Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 52) “o entrevistado deve ser sempre previamente informado do motivo da entrevista e de sua escolha”.

Indo às 04 (quatro) escolas pesquisadas, procurou-se entrar em contato com as suas respectivas Gestoras, para conhecer quem eram os professores e alunos da EJA. Feito isso, chegou-se ao contingente geral da pesquisa (nas quatro escolas): 07 (sete) professores e 16 (dezesseis) alunos, que foram previamente contactados e entrevistados.

Quanto aos coordenadores, entrevistou-se a atual Coordenadora Geral da EJA da rede municipal de ensino de Chapadinha e o ex-coordenador, a fim de observar as possíveis mudanças na gestão da EJA, analisando-se o antes e o depois, sobretudo, em relação a questões como índice de matriculados, evadidos e de retenção no ciclo.

6.3 Análise dos dados da pesquisa

A presente pesquisa ocorreu entre os meses de abril e junho do corrente ano, iniciando no dia 17 (dezessete) de abril e finalizando dia 30 (trinta) de junho. Foram realizadas entrevistas com 02 (dois) coordenadores, 01 (um) da gestão atual e o outro da gestão anterior da Secretaria de Educação de Chapadinha; 07 (sete) professores – a quantidade de docentes real é maior –, porém, alguns não aceitaram participar e 16 (dezesseis) alunos.

Para a análise dos dados, foram utilizados quadros, para melhor entendimento e leitura visual das respostas dos sujeitos entrevistados. Para Cervo, Bervian e Silva (2007, p.130) “quadros, geralmente, são livres arranjos que o autor faz para organizar e sistematizar a apresentação de algumas informações”.

O objetivo desta pesquisa foi analisar se as metodologias utilizadas pelos professores da EJA estão acessíveis à compreensão dos discentes, favorecendo o processo ensino-aprendizagem. Pois se sabe que a metodologia faz toda a diferença no cotidiano em sala de aula. Se for adequada, o aluno tem melhores condições de adquirir conhecimentos.

Sobre metodologia Veiga (2004, p. 95) afirma:

> [...] uma metodologia de ensino que atenda aos interesses imediatos e mediatos dos educandos só pode ser originada da análise crítica do contexto social e das características individuais e grupais daqueles que frequentam e que virão a frequentar nossas escolas, em razão de as especificações e de o “produto final da educação” interessarem ao próprio educando e à sociedade de modo geral.

Portanto, cabe ao professor utilizar metodologias que garantam aos alunos o desenvolvimento de competências e habilidades favoráveis à participação proficiente na sociedade letrada, possibilitando-lhes adquirir as vantagens que a alfabetização pode proporcionar.

6.3.1 Análise da entrevista com a Coordenadora atual da EJA

Para saber há quanto tempo a Coordenadora da EJA em Chapadinha exerce essa função, fez-se a pergunta abaixo, pois se sabe que a experiência muito influencia na hora de lidar com os desafios que vão surgindo e para exercer uma prática de trabalho mais eficiente, já que essa modalidade de ensino, assim como as outras, requer muita atenção e um olhar diferenciado, em vista de seu principal objetivo: amenizar e/ou reduzir o analfabetismo no Brasil.

Quadro 1- Em que ano a senhora começou atuar como coordenadora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Chapadinha-MA?

Coordenadora	Desde o ano de 2013, no início do mandato da atual prefeita Dulcilene Pontes, mas já atuei como professora da EJA há 10 ou 12 anos.

Fonte: Entrevista realizada com a coordenadora geral da EJA

De acordo com a resposta da Coordenadora, esta afirmou que há pouco tempo atua como coordenadora da EJA, porém já exercia a função de docente

dessa modalidade há mais de 10 (dez) anos, o que disse muito ajudar na sua prática atualmente. Nesse contexto é preciso considerar “[...] a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível” (ALARCÃO, 2010, p. 44).

Percebe-se, portanto, que a experiência é muito importante para o profissional da área da educação, e que este deve agir, em todas as ocasiões, de forma democrática, pensando no melhor para o aluno, numa prática reflexiva, em busca de resultados promissores em sala de aula.

Não obstante, vale ressaltar que os profissionais da educação passam por inúmeros desafios, que precisam ser superados. A esse respeito, perguntou-se:

Quadro 2- Quais os desafios enfrentados na sua gestão?

Coordenadora	A falta de motivação dos professores, que não procuram estratégias para a permanência do aluno na sala de aula, onde muitos deles veem a EJA como um “bico”.

Fonte: entrevista

Segundo a Coordenadora, o principal desafio enfrentado na sua gestão é a falta de motivação dos professores, pois os mesmos chegam desanimados e não têm a preocupação de planejar a aula, até mesmo porque trabalham também em outras escolas, caindo no ativismo. Assim, como afirma Sousa, Souza e Brito (2013, p. 37) “[...] em grande parte, os mesmos professores que ensinam os alunos da EJA, ensinam também os alunos do ensino fundamental e médio.” Para esses docentes a EJA fica em último plano. Dessa forma, acabam transparecendo para os alunos certa falta de interesse em ensiná-los.

Nota-se, por essa razão, que o desânimo dos professores pode ser causado pela sua rotina diária, repleta de tarefas a cumprir e a falta de tempo para planejar as aulas, o que acaba prejudicando a sua prática com os alunos da EJA, com aulas desinteressantes e enfadonhas.

A fim de averiguar o crescimento da EJA no município de Chapadinha, desejou-se saber quantas escolas oferecem essa modalidade de ensino.

Quadro 3- Em quantas escolas existe a EJA e quais são elas?

Coordenadora	Atualmente, existem 05 (cinco), sendo que uma dessas escolas foi aberta esse ano no bairro Boa Vista. São elas:

	Almada Lima, João Gomes, José Sarney, Manoel José de Santana e Nossa Senhora das Dores.

Fonte: entrevista

Percebe-se que o número de escolas de Educação de Jovens e Adultos existentes na cidade não alterou nesses últimos anos. Porém, sabe-se que para haver um avanço nessa modalidade é necessário um melhor investimento na estrutura física e uma modificação nas propostas curriculares das escolas que atendem esse público, oferecendo o que esses alunos precisam para aprender. Conforme BRASIL (2002, p. 81):

> A educação de jovens e adultos [...] não pode ser tratada como mera "inquilina" do espaço escolar. Isso significa, em primeiro lugar, oferecer oportunidades para que os professores dessa modalidade de ensino participem das discussões e da elaboração do projeto educativo da escola, garantindo assim aos alunos – levando em conta suas especificidades – o mesmo direito dos outros alunos em relação ao uso de materiais e espaços, a possibilidade de interagir com os demais e de ser respeitados pela equipe escolar.

Dessa forma, percebe-se que a EJA ainda não tem o total reconhecimento que deveria ter. Logo, é preciso um trabalho mais proficiente de professores e coordenadores, no sentido de possibilitar a inserção dos alunos no mercado de trabalho e que estes adquiram mais desenvoltura nas relações sociais, como cidadãos autônomos.

Para saber o quantitativo de alunos matriculados na EJA atualmente, fez-se a seguinte pergunta à Coordenadora:

Quadro 4- A senhora sabe dizer qual é o quantitativo de alunos matriculados na EJA atualmente?

Coordenadora	Sim. Atualmente estão matriculados mais de 680 alunos.

Fonte: Entrevista

De acordo com a resposta da Coordenadora, percebeu-se que a quantidade de alunos difere muito em relação ao último Censo realizado no município, no ano de 2014, que registrou 393 (trezentos e noventa e três) alunos matriculados. Fazendo-se a diferença entre a matrícula atual e a do ano passado, tem-se um crescimento acentuado: cerca de 287 (duzentos e oitenta e sete) alunos.

No entanto, esse crescimento não pode ser considerado um dado oficial, já que o Censo Escolar de 2015 ainda não foi divulgado. E, considerando-se a realidade da EJA no município de Chapadinha, o número de mais de 680

(seiscentos e oitenta) matriculados parece um tanto quanto distorcido, pois não tem havido procura por parte dos alunos e grande parte das turmas de EJA só é formada quando os professores vão em busca dos alunos em suas próprias casas, uma realidade detectada na pesquisa de campo.

Não obstante, Gadotti e Romão (2011, p. 145) afirmam que a "[...] EJA não tem configurado um atendimento qualitativo satisfatório. A falta de uma política clara tem provocado a implantação destes serviços de maneira precária e pedagogicamente inconsciente. [...]".

Além dessa situação apresentada pelo autor, ainda há que se considerar o problema da evasão escolar, provocada por vários fatores, como afirmam Sousa, Souza e Brito (2013, p. 26):

> São vários os fatores que contribuem para a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos. Esse público, quase que em sua totalidade, são trabalhadores poucos remunerados e que ao chegarem à escola no período noturno, depois de um dia cansativo, devem receber um atendimento que os estimulem a aprender, do contrário podem desistir.

Na educação de jovens e adultos quais são os motivos que fazem com que os alunos abandonem os estudos com mais frequência? A fim de saber as causas, fizemos a seguinte pergunta para a coordenadora:

Quadro 5- Quais são as principais causas da evasão escolar dos alunos da EJA?

Coordenadora	A primeira é a desmotivação dos professores e a outra é o trabalho dos alunos, principalmente no período de colheita.

Fonte: entrevista

No olhar da Coordenadora, o que faz com que o aluno abandone a escola é a falta de interesse dos professores em relação ao planejamento de suas práticas pedagógicas. Em sua opinião uma melhor didática em sala de aula faz toda a diferença. E os alunos percebem quando o professor vai despreparado para a sala de aula, fazendo com que estes se desestimulem e abandonem com mais frequência os estudos.

Outro fator a ser considerado é a questão do trabalho. Muitos se afastam em decorrência por serem agricultores ou pelas ocupações como pais de famílias, tendo que lutar pela sobrevivência familiar. Sobre essa questão, Gadotti e Romão (2011, p. 143) afirmam: "[...] a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador — às vezes em condição de

subemprego ou mesmo desemprego — e que está submetido a circunstâncias de mobilidade no serviço de turnos de trabalho, cansaço etc.”.

Nesse sentido, a escola deve trabalhar para atender as especificidades da EJA, fazendo com que haja engajamento dos alunos nos estudos, buscando-se garantir-lhes melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Quadro 6- O município oferece formação continuada aos professores da EJA?

Coordenadora	Na minha gestão ainda não foi ofertada a formação continuada para os professores, pois isso parte do governo e eu sozinha não posso fazer nada, pois dependo da Secretaria de Educação.

Fonte: entrevista

Nota-se que a formação continuada não está sendo valorizada pelos órgãos municipais de Chapadinha, visto que a Coordenadora afirmou não ter formação nesse período de três anos em que ela está na coordenação dessa modalidade. Quanto à capacitação de professores Candau (2011, p. 105) afirma:

> [...] o saber fazer técnico do professor, a sua competência profissional, constitui uma condição indispensável ao exercício da prática docente. A capacitação profissional do docente constitui, parece, um ponto crítico a ser atacado, quando se intentam procedimentos escolares menos elitistas, menos reprodutores e mais democráticos.

A formação continuada dos professores é um apoio para que mudem suas metodologias e renovem as suas práticas, construindo novos saberes. Então, quando esta não é disponibilizada pelos órgãos públicos, cabe a eles mesmos buscarem essa qualificação no cotidiano de seu trabalho pedagógico, juntamente com os outros professores.

6.3.2 Análise da entrevista com o Ex-Coordenador da EJA

Na entrevista feita ao ex-coordenador, quis-se saber por quanto tempo ele atuou como Coordenador da Educação de Jovens e Adultos, então se fez a seguinte pergunta:

Quadro 7- Por quanto tempo o senhor atuou como coordenador da Educação de Jovens e Adultos no município de Chapadinha - MA?

Coordenador	Por quatro anos, no período do mandato da prefeita Danúbia Carneiro, em 2009 a 2012.

Fonte: entrevista

Conforme a resposta dada, constatou-se que o Ex-Coordenador atuou por pouco tempo na EJA, e que este não demonstrou acreditar muito nessa modalidade e nem tampouco que ela possa melhorar o rumo da educação. A esse respeito, não obstante ao percebido na resposta, conforme Brasil (2002, p. 18),

> [...] a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura.

Portanto, a EJA veio como uma forma de amenizar o analfabetismo no Brasil, mas cabe aos seus administradores fazer com ela realmente alcance os resultados mais favoráveis para a mudança da realidade desses jovens e adultos trabalhadores.

Quadro 8- Quais os desafios enfrentados nesse período?

Coordenador	A evasão escolar, as outras coisas são relevadas.

Fonte: Entrevista

Percebe-se que a evasão escolar há muito tempo vem sendo um caso de preocupação no âmbito escolar. Como afirma Moreira (2010, p. 22) “as maiores vítimas, portanto, do processo de produção do fracasso escolar são os alunos de classes sociais menos favorecidas”.

A evasão escolar é considerada um fator de preocupação e tem sido uma das maiores dificuldades enfrentadas na educação. A cada dia, o índice de evasão só vem aumentando, causando enfraquecimento na Educação de Jovens e Adultos, provocado, muitas vezes, por falta de incentivo por parte do docente.

Assim, cabe às escolas, na pessoa do gestor, dos professores e de todo os administradores dessa modalidade, trabalhar em sintonia, procurando soluções para combater esse problema que tanto tem prejudicado a Educação de Jovens e Adultos.

Quadro 9- Em quantas escolas existia a EJA e quais são elas?

Coordenador	Em cinco escolas. Almada Lima, Amélia Mendes, João Gomes, Alexandre Costa e José Sarney.

Fonte: entrevista

Percebe-se que o número de escolas continua o mesmo, em ralação ao que fora informado pela atual Coordenadora da EJA. Não houve crescimento

durante esse período, demonstrando uma falta de mobilização para incentivar e ampliar o número de matriculados, sensibilizando-se jovens, adultos e idosos sobre da escolarização para a vivência da cidadania plena.

No entanto, conforme Brasil (2002, p. 89):

> [...] todo o processo de ensino e aprendizagem precisa estar relacionado à conscientização e à participação, visto que alunos e professores fazem parte de um processo dialógico para a superação da ordem sociocultural e socioeconômica deficiente. O acesso à educação deve permitir a reflexão e a ação do indivíduo sobre o mundo para atuar e transformar a realidade.

Diante disso, se faz necessário que todos trabalhem com um único foco, priorizando sempre a participação do aluno no ambiente educacional.

Para saber a quantidade de alunos que estudavam na EJA no período da coordenação passada, fez-se a seguinte pergunta:

Quadro 10- O senhor sabe dizer qual era o quantitativo de alunos matriculados no período da sua atuação como coordenador da EJA?

Coordenador	Eram numa faixa de 650 (seiscentos e cinquenta) alunos.

Fonte: entrevista

Diante da resposta dada, observa-se que o número de alunos matriculados diminuiu, conforme o censo de 2014. Isso deixa claro que é preciso que a Coordenadora atual, juntamente com os professores, incentive os sujeitos que estão fora da escola – e que têm uma faixa etária condizente com a EJA, a voltarem a estudar, pois só assim eles conseguirão concluir seus estudos. E quanto ao papel do docente, Carlini (2004, p. 21) afirma: “O professor precisa manifestar preferência por um modo de ensinar envolver, estimular e interessar seus alunos”.

Portanto, o trabalho docente tem um fator indispensável para a não evasão dos alunos, já que estes convivem, na maior parte do seu tempo escolar, com os professores, o que gera certa afetividade entre ambos, uma forte razão para investir-se no diálogo e na motivação.

Quadro 11- Quais eram as principais causas da evasão nesse período?

Coordenador	Eram praticamente as mesmas coisas que acontece atualmente. A ociosidade da velhice e algumas outras coisas que eles encontram como barreira.

Fonte: entrevista

Nota-se, com a resposta, que esse problema da evasão escolar acontece quase sempre pelos mesmos motivos e na Educação de Jovens e Adultos, tornando-se ainda mais frequente pela questão da idade desses alunos, pois muitos não têm mais paciência para ficarem na escola, quanto mais quando não se sentem acolhidos. Isso gera desânimo e desistência. E, segundo Brasil (2002, p. 94) “a ausência e a pouca socialização presentes nos cursos de EJA podem ser os fatores de insucesso e abandono”. Portanto, ainda há muito o que se fazer para combater esse problema de evasão, sendo preciso um trabalho coletivo bastante intenso da escola, que deve exigir das autoridades públicas os recursos necessários para empreender um melhor ensino.

6.3.3 Análise da entrevista realizada com os professores

A entrevista feita com os professores visou identificar as práticas docentes que estão sendo utilizadas, para promover o desenvolvimento integral dos alunos da EJA. Foram entrevistados 07 (sete) professores, sendo 06 (seis) do sexo feminino e 01 (um) do sexo masculino. Eles foram denominados como professor A, B, C, D, E, F e G. Constatou-se ainda que nenhum deles possui especialização na Educação de Jovens e Adultos, apesar de a maioria trabalhar como professores há bastante tempo nessa modalidade.

Assim, a primeira questão da entrevista aos professores foi acerca da experiência de trabalho:

Quadro 12- Há quanto tempo você atua como professor da EJA?

Professor A	10 anos
Professor B	10 anos
Professor C	12 anos
Professor D	7 anos
Professor E	15 anos
Professor F	2 anos
Professor G	6 anos

Fonte: Entrevista.

O fato de o docente ter experiência em sala de aula consiste em um fator positivo para a aprendizagem dos alunos. Mas nenhuma experiência é estanque, isto é, ela se renova a cada dia em que o docente predispõe-se para o novo, para possibilidades ainda não experimentadas em sala de aula. Nesse sentido, observa-se que dos 07 (sete) professores entrevistados, 06 (seis) deles têm mais de cinco anos de experiência. Apenas 01 (um) está com somente 02 (dois) anos.

Outro fator considerado na entrevista aos professores foi o da formação continuada, que, em todos os documentos normativos, não só da EJA, mas também de outras modalidades de ensino, é considerada como uma ação necessária, e que deve acontecer de forma institucionalizada ou mesmo como uma ação pessoal, partindo de cada professor (ROMANOWSKI, 2007).

Programas desenvolvidos localmente pelas secretarias de educação municipais e estaduais, e ações de âmbito nacional, como o Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado “Parâmetros em Ação de EJA” e o PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, do Ministério da Educação, que visam proporcionar momentos de construção coletiva do conhecimento pedagógico e de aprofundamento de estudos.

Nesse sentido, a segunda questão feita aos professores teve a finalidade de averiguar o processo formativo dos professores:

Quadro 13- No seu processo de formação continuada, você tem participado de cursos de capacitação na área da EJA?

Professor A, B, C, F, G	Não
Professor D, E	Sim

Fonte: Entrevista.

Entre os 07 (sete) professores que foram entrevistados, somente 02 (dois) afirmaram que fazem; os outros 05 (cinco) afirmaram que a rede municipal de ensino não oferece essa formação, como mostra o quadro acima.

A formação continuada deve ser proporcionada aos professores no decorrer da sua prática pedagógica. Como afirma Brasil (2002, p. 142), “O desenvolvimento profissional do professor de EJA e suas competências são construídos num processo contínuo, que começa em sua formação inicial e continua durante o desempenho de suas atividades, sendo, portanto, permanente”.

A questão seguinte tratou dos métodos de ensino adotados pelos professores. Um aspecto muito importante no que tange à prática docente. A metodologia adotada pelo professor pode ser a explicação para o seu sucesso ou fracasso em sala de aula.

Quadro 14- Em sua prática, quais os métodos pedagógicos utilizados para a motivação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos?

Professor A	Não tenho nenhum
Professor B	Filme, data show, livro didático
Professor C, G	Quadro e livro didático
Professor D	Uso o diferencial
Professor E	Compreensão e diálogo
Professor F	Livro didático e textos diversos

Fonte: Entrevista.

Observa-se nas respostas que os professores confundem recursos didáticos com metodologia, o que pressupõe uma falta de clareza que pode ser consequência da formação acadêmica e/ou formação continuada, pela falta ou por equívocos não esclarecidos durante o processo formativo do docente. Para Libâneo (1990), metodologia não é sinônimo de recurso:

> O método de ensino é determinado pela relação objetivo-conteúdo, mas pode também influir na determinação de objetivos e conteúdos. Com efeito, a matéria de ensino é o elemento de referência para a elaboração dos objetivos específicos que, uma vez definidos, orientam a articulação dos conteúdos e métodos, tendo em vista a atividade de estudo dos alunos. Por sua vez, os métodos, à medida que expressam formas de transmissão e assimilação de determinadas matérias, atuam na seleção de objetivos e conteúdos (LIBÂNEO, 1990, p. 154).

Ainda quanto aos métodos pedagógicos, e ampliando o pensamento de Libâneo (1990), Veiga (2004, p. 95) afirma: “a eficácia e a qualidade dos métodos de ensino deverão estar diretamente ligadas à formação integral do educando e não às necessidades imediatas da dimensão alienante da globalização”.

A próxima questão procurou averiguar o seguinte:

Quadro 15- Há recursos didáticos na escola para ajudar na sua prática docente?

Professor A, C	Sim
Professor B, D,	Não

E, F, G	

Fonte: Entrevista.

De acordo com as respostas da maioria dos professores, as escolas não disponibilizam recursos didáticos. No entanto, quando a escola não disponibilizar recursos didáticos, “[...] o educador deve construir suas próprias ferramentas, integrando os alunos nessa construção e dando preferência aos materiais do próprio meio no qual estão inseridos” (SOUSA, SOUZA E BRITO, 2013, p. 32). Compete aos docentes, neste caso, construírem seu próprio instrumento para o fazer pedagógico.

É importante observar, ainda, uma incoerência em relação à resposta anterior, pois ao se perguntar que métodos de ensino os professores utilizam, estes apontam os recursos didáticos, que disseram, em sua maioria, não haver na escola. Assim, tem-se a seguinte tese: os professores utilizam recursos didáticos próprios, produzidos ou adquiridos, ou, então, trata-se de uma contradição mesmo.

A outra questão tratou do espaço físico da escola:

Quadro 16- A escola oferece espaço físico adequado para o desenvolvimento integral dos alunos?

Professor A, B, F, G	Não
Professor C, D, E	Sim

Fonte: Entrevista.

Percebe-se que os professores de uma mesma escola se contradizem: uns afirmam que a instituição oferece espaço e os outros negam, mas conforme os PPP, o que se pôde observar, é que as escolas da rede municipal de Chapadinha ainda não estão preparadas para realizar um atendimento completo no que se refere ao desenvolvimento integral dos discentes. E “[...] a escola surge-nos como um todo e não como um ajuntamento de pessoas. Esse todo, para ser coeso e dinâmico, exige uma organização. Em resumo, a escola é uma comunidade social, organizada para exercer a função de educar e instruir” (ALARCÃO, 2010, p. 88).

Nesse sentido, a escola deve proporcionar um ambiente motivador ao processo de ensino-aprendizagem, pois um espaço organizado facilita aos sujeitos o seu desenvolvimento integral.

O espaço físico de qualquer instituição de ensino é fundamental para o desenvolvimento pleno do aluno. Uma escola com biblioteca, sala de vídeo, quadra de esportes, laboratório de informática e outros mais, tem a capacidade de despertar no educando a motivação e interesse pelos estudos e pelo ambiente educacional em que ele está inserido.

Conforme BRASIL (2002, p. 138) “Embora em muitas escolas os espaços físicos sejam restritos, é necessário investir na sua reorganização, visando criar momentos e/ou locais para atender às solicitações dos alunos”.

Além desse aspecto, tratou-se também da relação professor-aluno, que é fundamental para manter um vínculo afetivo e propício à permanência do aluno na escola, pois a afetividade é uma qualidade que o professor deve ter em todas as circunstâncias do cotidiano escolar.

Quadro 17- Como se dar a relação professor-aluno?

Professor A, C, E, F, G	Boa
Professor B	Não é as mil maravilhas, mas também não é das piores.
Professor D	Muito boa

Fonte: Entrevista.

De acordo com as respostas, percebe-se que os professores se relacionam bem com os alunos. Isso é importante para que os alunos se sintam acolhidos no ambiente de aprendizagem, favorecendo sua permanência na escola.

> [...] Os alunos jovens e adultos fazem parte de uma demanda peculiar, com características específicas, [...] É preciso que o professor esteja atento para não encarar essas especificidades como algo negativo, mas entendê-las e respeitá-las, a fim de que os alunos possam realmente se sentir participantes e membros da comunidade escolar (BRASIL, 2002, p. 142).

Nesse sentido, percebe-se que se não houver esse vínculo professor-aluno e aluno-professor, a aprendizagem poderá ser prejudicada substancialmente, já que o espaço da sala de aula é um lugar de interação humana.

A questão seguinte tratou das dificuldades encontradas em sala de aula pelo professor. Uma questão importante, pois se sabe que em um ambiente escolar existem muitos obstáculos que podem colocar em xeque a prática pedagógica do professor, se este não souber mediar as situações que se lhes apresentam no dia a dia escolar.

Quadro 18- Quais as dificuldades encontradas no processo de ensino aprendizagem?

Professor A	Desinteresse e falta de recursos didáticos
Professor B	Falta de comprometimento
Professor C	Falta de vontade
Professor D	Visão e cansaço
Professor E	Assimilação
Professor F	Desinteresse e falta de expectativas
Professor G	Evasão

Fonte: Entrevista.

Conforme as respostas dos professores, são vários os problemas enfrentados no cotidiano escolar, e todos eles precisam ser observados atentamente, para que não possam acarretar em evasão escolar. Assim, cabe ao professor buscar as melhores soluções para resolver as dificuldades que aparecem ao longo do processo educativo, sendo que o aluno não pode ser prejudicado pelas circunstâncias ocorridas no ambiente escolar.

> O contexto cultural do aluno trabalhador deve ser a ponte entre o seu saber e o que a escola pode proporcionar, evitando, assim, o desinteresse, os conflitos e a expectativa de fracasso que acabam proporcionando um alto índice de evasão (GADOTTI e ROMÃO, 2011, p. 143).

Diante disso, o professor deve trabalhar de acordo com o contexto de seus alunos valorizando os conhecimentos prévios dos mesmos, pois a partir deles o docente relaciona aos conteúdos gerando novos conhecimentos.

Na outra questão, perguntou-se o seguinte:

Quadro 19- A escola ou rede municipal de ensino oferece formação continuada para os professores da EJA? Com qual periodicidade?

Professor A	Ultimamente não
Professor B, F, G	Não
Professor C	Tinha, mas não tem mais.

Professor D, E	Sim

Fonte: Entrevista.

Percebe-se, diante as respostas dos professores, uma compatibilidade com a resposta da Coordenadora da EJA, quando ela afirma que a rede municipal de ensino de Chapadinha há tempos não tem oferecido cursos de capacitação na área da EJA, para os docentes ampliarem seus conhecimentos e melhorarem as suas práticas em sala de aula.

Conforme BRASIL (2002, p. 141)

> A construção de situações didáticas eficazes e significativas requer compreensão desse universo, das causas e dos contextos sociais e institucionais que configuram a situação de aprendizagem dos seus alunos. Assim sendo, as diretrizes orientam os cursos de formação no sentido de oferecer uma ênfase diferenciada aos professores que pretendem se dedicar a essa modalidade de ensino.

Diante do exposto, nota-se que a formação continuada dos professores está diretamente relacionada com o processo de ensino-aprendizagem. Somente a formação acadêmica não supre a necessidade de conhecimento na prática pedagógica, diante do dinamismo do mundo e das transformações por que vem passando constantemente.

6.3.4 Análise da entrevista realizada com os alunos

Com intuito de averiguar se as metodologias que os professores utilizam estão atendendo as necessidades de aprendizagem dos alunos, fez-se uma entrevista com 16 (dezesseis) alunos da EJA, sendo 07 (sete) do sexo masculino e 09 (nove) do sexo feminino. Eles foram nomeados como alunos A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P.

A pesquisa apontou que esses alunos são de uma realidade socioeconômica baixa. São, na maioria, jovens que optaram por estudar na EJA devido à carga-horária ser reduzida, fazendo com que concluam os estudos com mais rapidez e também para ter um melhor rendimento no mercado de trabalho.

Assim, a primeira pergunta foi a seguinte:

Quadro 20- O que você almeja ao estudar na EJA?

Aluno A, B, C, N	Terminar mais rápido.
Aluno D	Alcançar um emprego melhor.
Aluno E, I	Ter um futuro melhor
Aluno F, O	Recuperar o tempo perdido
Aluno G	Terminar o ensino fundamental
Aluno H	Melhorar a capacidade de aprender
Aluno J, P	Terminar os estudos para ter um futuro melhor
Aluno K	Concluir os estudos
Aluno L	Passar de ano e me formar mais rápido
Aluno M	Aprender mais

Fonte: Entrevista.

Com base nas respostas apresentadas, constatou-se que alguns discentes estão na EJA para terminarem os estudos mais rapidamente; outros alunos sentem a necessidade de aprender, para ampliarem suas possibilidades de conseguir um futuro melhor. E também há os que querem estudar para garantir uma posição melhor no mercado de trabalho.

> Os jovens e adultos procuram programas de elevação de escolaridade, em sua maioria, buscando melhorar suas chances de inserção no mercado de trabalho [...] Há, entretanto, outras razões além da certificação de escolaridade que motivam os trabalhadores a ingressar em programas de elevação de escolaridade. Diretamente ligada à certificação está a vontade de dominar os saberes escolares, na expectativa de que esse domínio permita a ascensão social [...]. (Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos, 2002, p. 93).

Portanto, a escola e o professor tem papel fundamental na jornada desses jovens, rumo ao futuro tanto esperado por eles.

Já a questão seguinte trata da construção do conhecimento em sala de aula e da socialização deste por parte do professor:

Quadro 21- A maneira que o professor repassa o conteúdo está sendo compreendido?

Aluno A, B, C, E, F, G, I, J, K, L, M, N, O	Sim.
Aluno D, P	Com certeza.
Aluno H	Não tenho nada a reclamar

Fonte: Entrevista.

As respostas mostram que, em tese, os alunos conseguem aprender com as metodologias que estão sendo utilizadas pelos docentes, as quais, de acordo com os dados da entrevista, não são muito precisas, pois os docentes confundem metodologia com recurso didático: livro didático, lousa, Datashow, etc.

Entretanto, “[...] é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento” (BRASIL, 2002, p.140). Portanto, é fundamental o uso de metodologias variadas para que o discente tenha melhor rendimento dos conteúdos que estão sendo mediados pelos docentes.

Para saber quais as metodologias estão sendo utilizadas para melhorar a forma de ensino, fez-se a seguinte pergunta:

Quadro 22- O que o professor utiliza para tornar a aula mais atrativa?

Aluno A, F, I, J	Brincadeiras
Aluno B, O	Dinâmicas
Aluno C	Figuras e cartazes
Aluno D, P	Quadro negro e brincadeiras
Aluno E, H K, M, N	Somente explicações
Aluno G, L	Quadro e livro didático

Fonte: Entrevista.

Conforme a resposta da maioria dos alunos, há uma variedade de “métodos” utilizados pelos docentes. No entanto, segundo a entrevista feita com os professores, estes mesmos afirmaram não utilizar com frequência metodologias variadas, pelo fato de a escola não disponibilizar recursos, ou mesmo pela falta de formação continuada.

A esse respeito, Sousa, Souza e Brito (2013, p.34) afirmam: “[...] O professor tem um grande desafio, a responsabilidade de utilizar novas metodologias de ensino que possa apropriar-se às reais necessidades dos alunos da EJA adotando, assim, um perfil inovador”.

O que se percebe é que os alunos não têm muito entendimento do que realmente é a metodologia, pois ao perguntar sobre o que os professores usam para deixar a aula mais atrativa, a maioria respondeu que os docentes usam o quadro negro e o livro didático. No entanto sabe-se que há métodos mais eficazes para garantir a eficiência no processo ensino-aprendizagem.

Sobre o espaço físico da escola:

Quadro 23- A sua escola oferece espaço suficiente para que você tenha um bom aprendizado? Quais são eles?

Aluno A, K	Mais ou menos
Alunos B, C, D, E, G, O, P	Não
Aluno F	Sim, a sala de aula e o pátio.
Aluno H, I, J	Sim, sala de aula e de informática.
Aluno L, N	Sim, a sala de aula.
Aluno M	Sim, o corredor e o banheiro.

Fonte: Entrevista.

Sabe-se que para o desenvolvimento integral dos discentes é necessário que a escola tenha em seu espaço, com todos os aspectos necessários para facilitar a aquisição do conhecimento, fazendo com que eles se apropriem de uma postura de cidadão autônomo e crítico perante a sociedade.

Assim, para BRASIL (2002, p.84), “é indispensável organizar a escola como um espaço vivo, em que a cidadania possa ser exercida a cada momento e, desse modo, seja aprendida, fazendo com que os alunos se apropriem do espaço escolar e reforcem os laços de identificação com a escola”.

Portanto, a organização do espaço escolar é fundamental para que o aluno desempenhe a cidadania, sabendo-se que é na escola que eles adquirirão as aprendizagens necessárias para o seu cotidiano na sociedade.

A última questão tratou da relação professor-aluno:

Quadro 24- Como se dar a relação entre você e o seu professor?

Alunos A, B, C, D, F, G, H, J, L, M, N, P	É boa
Aluno E, O	É normal
Aluno I, K	Ótima

Fonte: Entrevista.

A relação professor-aluno, de acordo com as respostas, é aprazível. Os alunos afirmaram que possuem uma boa afinidade com seus professores. Um fator bastante positivo em relação aos problemas apresentados pelos professores e alunos, pois é interessante que haja harmonia e disciplina na sala de aula, o que faz com que o ambiente de aprendizagem seja significativo e prazeroso para o alunado.

> Parece consequência natural que o professor que tem uma boa relação com os alunos preocupe-se com os métodos de aprendizagem e procure formas dialógicas de interação. [...] É importante dizer que os alunos não apontam como melhores professores os “bonzinhos”. Ao contrário. O aluno valoriza o professor que é exigente, que cobra a participação e tarefas. Ele percebe que isso é também uma forma de interesse, se articulado com a prática cotidiana da sala de aula (VEIGA, 2004, p. 151).

Nesse sentido, a afetividade não está ligada somente à relação harmoniosa entre o professor e o aluno, mas também na forma de mediar os conteúdos, pois isso é uma forma de ajudar ao aluno a se desenvolver.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho teve o objetivo de refletir sobre as metodologias de ensino no âmbito da Educação de Jovens e Adultos na rede municipal de educação do município de Chapadinha, com o *locus* de pesquisa centrado nas escolas que oferecem a EJA na zona urbana.

Nesse sentido, após a análise dos resultados da pesquisa, chegou-se a algumas ideias conclusivas sobre a questão-problema que norteou esse estudo: “Qual a influencia das metodologias no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no âmbito da Educação de Jovens e Adultos no município de Chapadinha?”

A primeira ideia revela a falta de respostas precisas, por parte dos professores, no que diz respeito à metodologia de ensino. Pôde-se inferir contradições e falta de definição do que seja método e recurso didático. Os docentes entrevistados não diferenciaram esses dois componentes pedagógicos.

Isso levanta a tese de que a questão metodológica na EJA não tem sido satisfatória, pois o docente não pode agir de forma proficiente se não tiver bem claro em sua mente os elementos pertinentes à sua própria prática pedagógica. Em outras palavras, não se pode ensinar sem o conhecimento dos caminhos necessários para promover a aprendizagem dos alunos.

A segunda ideia diz respeito à deficiência metodológica como consequência da falta de uma consistente formação continuada. Nos últimos anos, a Secretaria Municipal de Educação não tem oferecido formação continuada para os professores da EJA, o que influencia negativamente nos resultados da aprendizagem dos alunos.

Ora, sem formação continuada não se pode exigir do professor excelência no desenvolvimento de sua prática pedagógica, tampouco que utilize metodologias inovadoras em sala de aula.

Embora o docente não deva esperar apenas pelo poder público no que diz respeito à sua formação continuada, podendo ele próprio prover sua formação por meio de leituras atualizadas, pela participação em cursos de especialização e/ou de aprofundamento, ou mesmo pelo compartilhamento de informações entre os colegas, cabe aos governantes, por questão de direito constitucional adquirido,

tomarem a iniciativa, porque a educação é uma política de Estado e não algo privado, particular.

A terceira e última ideia conclusiva, também calcada nos resultados da pesquisa, é a de que as escolas não têm recursos didáticos suficientes e condizentes com a realidade e necessidade dos alunos e os professores não tomam a iniciativa de eles mesmos produzirem.

Diante dessa realidade, perceberam-se algumas urgências para as escolas pesquisadas: formação continuada para os docentes da EJA, com enfoque na questão metodológica; melhoramento do espaço físico, adequando-o à realidade da EJA e maior empenho no planejamento com os professores.

Portanto, este trabalho contribuiu de forma significativa para a compreensão da realidade educacional do município de Chapadinha, no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos, podendo ser utilizado como fonte de pesquisa por futuros pesquisadores da temática em questão ou mesmo como elemento norteador para a promoção de mudanças positivas nessa modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. – 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

BORGES, Luís Paulo Cruz. **Reflexões necessárias sobre a educação de jovens e adultos: perspectivas, desafios e possibilidades**. Espaço do currículo, v.2, n.1, pp.137-155, Março-Setembro/2009. Disponível em: http//www.uab.ufac.br › mo_resource › content. Acesso em 22 de mai. 2015

BORGES, Priscilla. **Maioria dos analfabetos vive no Nordeste e é idoso, mas jovem segue nos índices**. Disponível em: < http//www.ultimosegundo.ig.com.br/educacao/.../maioria-dos-analfabetos-vive-no-n.>. Acesso em: 11 de mai. 2015.

BRASIL. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução / Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 5ª ed. revista – atualizada – ampliada – São Paulo: EDIPRO, 2012.

_____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: http://cidades.ibge.gov.br//xtras/perfil. Acesso em: 02 de jun. 2015.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Pesquisa aponte queda do analfabetismo**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/pesquisa-aponta-queda-do-analfabetismo. Acesso em: 01 de jun. 2015.

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática**. 21. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAPUCHO, Vera. **Educação de jovens e Adultos**: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania. – São Paulo: Cortez, 2012.

CARLINI, Alda Luiza [et al]; SCARPATO, Marta (org). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. – São Paulo: Editora Avercamp, 2004.

CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. SILVA, Roberto da. **Metodologia Cientifica**.- 6. ed. - São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COLAVITTO, Nathalia Bedran. ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. Educação de Jovens e Adultos (eja): **A Importância da Alfabetização**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014. Disponível em: http//www.uninove.br › educacao › Nathalia. Acesso em 10 de mai. 2015.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Multisseriada/Multiculturalismo**. Disponível em: <http://www.dicio.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2015.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Adultos como Direito Humano**. – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. – 12. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4. ed. – São Paulo: Atlas 2002.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **Educação de jovens e adultos e educação na diversidade**. – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MARANHÃO. **Diretrizes Curriculares**: Programa de Melhoria da Qualidade de Ensino. São Luís: Secretaria de Estado da Educação – SEDIC-MA, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade. PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia**: uma introdução. – 7. ed. – 4. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

MOREIRA, Ivanilde. **Fracasso escolar e interação professor-aluno**. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

MORIN, Edgar. et al. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RAMONELLE, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**: (1930/1973). 37. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROMÃO, José E. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. Curitiba, IBPEX, 2007.

SEMED. Secretaria Municipal de Chapadinha. **Projeto Político Pedagógico da Unidade Integrada João Gomes** (PPP). 2010.

SEMED. Secretaria Municipal de Chapadinha. **Projeto Político Pedagógico da Unidade Integrada Manoel José de Santana** (PPP). 2013.

SEMED. Secretaria Municipal de Chapadinha. **Projeto Político Pedagógico da Unidade Integrada José Sarney** (PPP). 2015.

SEMED. Secretaria Municipal de Chapadinha. **Projeto Político Pedagógico da Unidade Integrada Almada Lima** (PPP). 2011.

SOUSA, Atemires dos Santos. SOUZA, Íssila de Araújo. BRITO, Luana da Silva. As causas do fracasso escolar na educação de jovens e adultos: uma análise realizada na Unidade Integrada Bom Jesus. 2002. 67 f. **Monografia** (Graduação em Pedagogia) – Faculdade do Baixo Parnaíba, Chapadinha, 2013.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática**. – 21ª ed. rev. e atual. – Campinas, SP: Papirus, 2004.

VERGARA, Sylva Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 13 ed., São Paulo: Atlas, 2011.